



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

THÁYLA KAYTY CARDOSO TAVARES AMARAL

**ADOLESCÊNCIA E A ESCOLA PÚBLICA: FRAGMENTOS DO ELABORAR E DO
PERCEBER DOS PROFESSORES**

CAMPINAS

2019

THÁYLA KAYTY CARDOSO TAVARES AMARAL

**ADOLESCÊNCIA E A ESCOLA PÚBLICA: FRAGMENTOS DO ELABORAR E DO
PERCEBER DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos
para a obtenção do título de Mestra em Ciências, na área de
concentração de Saúde da Criança e do Adolescente.

ORIENTADOR (A): DRA. LÍLIA FREIRE RODRIGUES DE SOUZA LI

COORIENTADOR (A): DRA. TANIA MARA MARQUES GRANATO

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA THÁYLA KAYTY CARDOSO TAVARES AMARAL E
ORIENTADO PELA PROF^a. DRA. LÍLIA FREIRE RODRIGUES DE SOUZA LI

CAMPINAS

2019

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.
ORCID: 00000-0002-1937-6978

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

Am13a Amaral, Tháyla Kayty Cardoso Tavares, 1975-
Adolescência e a escola pública : fragmentos do elaborar e do perceber dos professores / Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Lília Freire Rodrigues de Souza Li.
Coorientador: Tania Mara Marques Granato.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Adolescente. 2. Teoria fundamentada nos dados. 3. Promoção de saúde na escola. 4. Vulnerabilidade social. 5. Psicologia do adolescente. I. Li, Lília Freire Rodrigues de Souza, 1967-. II. Granato, Tania Mara Marques. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Adolescence and the public school : fragments of teachers' elaboration and perception

Palavras-chave em inglês:

Teenager
Grounded theory
School health promotions
Social vulnerability
Psychology, Adolescent

Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente

Titulação: Mestra em Ciências

Banca examinadora:

Lília Freire Rodrigues de Souza Li [Orientador]
Nima Imaculada Spigolon
Afonso Antonio Machado

Data de defesa: 11-01-2019

Programa de Pós-Graduação: Saúde da Criança e do Adolescente

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

THÁYLA KAYTY CARDOSO TAVARES AMARAL

ORIENTADOR (A) PROF (A) DRA LÍLIA FREIRE RODRIGUES DE SOUZA LI

COORIENTADOR (A) DRA TANIA MARA MARQUES GRANATO

MEMBROS:

1. PROF (A) DRA. DRA LÍLIA FREIRE RODRIGUES DE SOUZA LI

2. PROF (A) DRA. NIMA IMACULADA SPIGOLON

3. PROF. DR. AFONSO ANTONIO MACHADO

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da banca examinadora encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Data: 11/01/2019

DEDICATÓRIA

Às duas mulheres fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional: minha avó (in
memorian) e minha filha.

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa jornada é preciso agradecer àqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu atingisse mais esse objetivo. Foram tantas pessoas que me auxiliaram nessa caminhada, confiando no meu potencial e me dando suporte para que eu conseguisse chegar até aqui. Gostaria que soubessem que com a ajuda de vocês tudo se tornou mais leve.

Primeiramente gostaria de agradecer aos professores e às direções escolares que possibilitaram que esse trabalho fosse realizado.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Lília D'Souza Li, meus mais sinceros agradecimentos por todo suporte, significativas trocas e orientações ao longo dessa jornada.

À minha querida coorientadora Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato, minha mais sincera gratidão por todo holding suficientemente bom e dedicação para que esse trabalho se tornasse possível.

À Profa. Dra. Tania Vaisberg e Profa. Dra. Eloísa Valler pelas importantes contribuições dadas na banca de qualificação.

À minha filha, Maria Fernanda, por todo o seu colo, paciência, amor e compreensão nos momentos de dificuldade, cansaço e ausência. Te amo!

Ao meu marido, Guido, sem você não seria possível percorrer todo esse caminho, meu agradecimento amoroso por todo apoio, cuidado e compreensão.

Aos meus avós “Minó” e “Aninha” (*in memoriam*), minha gratidão e amor eternos. Sem vocês eu não teria conseguido chegar tão longe.

À minha mãe, tia Rayda e todos os meus familiares, por toda força e incentivo que me deram, mesmo à distância, mas que foram essenciais para que eu trilhasse esse caminho.

À família Souza Amaral, pelo acolhimento, incentivo constante e compreensão nos meus momentos de ausência.

À minha querida amiga Christiane Alfredo, por sua escuta atenta, ajuda e amizade sincera.

Às minhas companheiras do grupo de pesquisa: Marielle, Renata, Joyce, Amanda e Elizete, pelas ricas contribuições, compartilhamento de informações, troca de conhecimento e tantos momentos de aprendizado proporcionados nesses trinta meses de intensos desafios.

Aos colegas da PUC: Sofia, Letícia, Antonio, Mariana, Thaiane e Matheus por todo acolhimento e participação na construção do instrumento de pesquisa.

À Gabriela Pavan, por ter sido tão generosa e acolhedora quando eu estava sem norte, em busca de um orientador. Minha eterna gratidão e admiração.

À Márcia de Britto, por todo suporte e disposição sempre atenciosa em nos auxiliar nos trâmites burocráticos pertinentes ao processo de mestrado.

Às minhas coordenadoras dos cursos de Psicologia, Ana Carolina e da Pedagogia, Rita de Cássia, por terem sido tão compreensivas e acolhedoras nos momentos necessários de maior entrega à pesquisa.

À Fátima Xavier, pelo apoio e carinho com que sempre se dispôs a me ajudar.

À querida Emanuele Ferreira, por toda sua disponibilidade e auxílio na execução da pesquisa.

Aos amigos Tamara e Eduardo Corrêa, Fernanda e Maurício Fahl, meus mais sinceros agradecimentos por terem cuidado tão bem da minha filha quando se fez necessário. Ter com quem contar, torna a caminhada mais suave.

À Laura Borges, por todo auxílio na construção do material.

À Yeda Oswaldo, pelo incentivo para que eu fizesse mestrado.

RESUMO

A adolescência é um processo transitório para a vida adulta e que propicia ao adolescente momentos de grandes descobertas e experimentações. Essa relação estabelecida com o mundo adulto o expõe a situações de vulnerabilidades e riscos, e o professor, como figura de referência, pode ter um papel diferenciado nessa passagem. O objetivo desta pesquisa foi entender as percepções dos professores sobre seus alunos adolescentes. Para tanto, fez-se uso da pesquisa qualitativa, por meio da narrativa interativa, instrumento lúdico utilizado para acessar o imaginário dos professores e proporcionar aos participantes do estudo um espaço em que se sentissem acolhidos e à vontade para refletirem e poderem trocar vivências com seus colegas sobre a adolescência de seus alunos e as demandas trazidas por eles à escola. Os métodos utilizados para análise do material coletado foram o psicanalítico e a teoria fundamentada nos dados, os quais permitiram ter uma amplitude na compreensão dos dados. A partir dos relatos de trinta professores oriundos de duas escolas públicas estaduais, pôde-se entender suas concepções por meio de campos de sentido afetivo-emocional discutidos à luz da teorização Winnicottiana. A partir de suas percepções da adolescência e de seus sentimentos de frustração e fragilidade quando se viam diante de alunos que não se comportavam de acordo com as expectativas deles, foi construída uma teoria em que o fenômeno central foi “Professores sentindo-se impotentes e frustrados”. Concluímos que os professores demonstraram entender que a adolescência é uma fase de transformações, mas que os pais precisariam estar atentos a seus filhos e que deveriam puni-los por seus atos inadequados. Apesar de eles conhecerem o que permeia a adolescência, sentiam-se paralisados e impotentes diante das contextualizações que têm invadido o espaço escolar na atualidade, sem se apropriarem de que também podiam ser agentes de mudança.

Palavras-chave: Adolescente; Teoria Fundamentada nos Dados; Psicologia do Adolescente; Promoção da Saúde na Escola; Vulnerabilidade; Uso de substância psicoativa.

ABSTRACT

Adolescence is a transient process for adult life and provides the adolescent with moments of great discovery and experimentation. This type of relationship established with the adult world exposes him to situations of vulnerability and risk and the teacher as a reference figure may have a differentiated role in this passage. The objective of this research was to understand the teachers' perceptions about their adolescent students. In order to do so, qualitative research was used, through interactive narrative, a playful instrument, used to access the teachers' imagination and to provide the teachers' participants in the study, a space where they could feel welcome and at ease to reflect and to be able to exchange experiences with their colleagues about the adolescence of their students and the demands they brought to school. The methods used to analyze the collected material were the psychoanalytic and the Grounded Theory that allowed an amplitude in the understanding of the data. From the reports of thirty teachers from two state public schools, their conceptions were understood through fields of affective-emotional senses discussed in the light of Winnicottian theorization. From their perceptions of adolescence and their feelings of frustration and fragility when faced with students who did not behave according to their expectations, a theory was constructed in which the central phenomenon was "Teachers feeling impotent and frustrated". We conclude that teachers demonstrated an understanding that adolescence is a phase of transformations, but that parents need to be attentive to their children and that they should punish them for their inadequate acts. Although they knew what permeates adolescence, they felt paralyzed and impotent in the contextualizations that have invaded the school space nowadays without appropriating that they could also be change agents.

Keywords: Teenager; Theory Based on Data; Teachers; Adolescent Psychology; Promotion of Health in School; Vulnerability; Use of psychoactive substance.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SPA	Substâncias Psicoativas
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade
TFD	Teoria Fundamentada nos Dados
NI	Narrativa Interativa
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PTS	Projeto Terapêutico Singular
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Apresentação	12
1.2 Desenvolvimento e vulnerabilidades na adolescência	14
1.3 A participação da família na formação do adolescente	16
1.4 O papel da escola e do professor na formação do adolescente	17
1.5 Fatores de riscos e de proteção ao adolescente	18
2. OBJETIVOS	20
3. METODOLOGIA	21
3.2 Caracterização das escolas Públicas	21
3.3 Procedimentos	21
3.4 Análise dos dados	23
3.5 Aspectos éticos	24
4. RESULTADOS.....	25
4.1 ARTIGO 1.....	26
4.2. ARTIGO 2.....	50
5. DISCUSSÃO GERAL.....	66
6. CONCLUSÃO/ CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
7. REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	73
Anexo 1	73
Anexo 2.....	85
Anexo 3.....	89

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O presente estudo decorreu de um desejo de pesquisar sobre a relação professor e aluno, o qual surgiu quando ingressei como professora no Curso de Pedagogia em uma faculdade particular do interior paulista. Na referida instituição, atuo como professora da disciplina de desenvolvimento infantil desde 2013. Nesse período, a partir dos relatos das alunas do curso de pedagogia, tenho constatado a complexidade e as situações de vulnerabilidade às quais muitas crianças e adolescentes têm sido submetidos. Sabemos que essas situações demandam outras, que por sua vez, precisam ser acolhidas pela escola, em especial, pelo professor, como por exemplo: a rebeldia, violência, uso de drogas, a falta de interesse nas aulas, o confronto do adolescente com o professor, a dificuldade do professor em lidar com o adolescente, dentre outras. Temas bastante atuais e que, em alguns casos, são ignorados por professores e pela gestão escolar, talvez, pelo fato de estes não saberem como lidar, por cansaço ou por medo de não darem conta.

Aos poucos, fui percebendo que as aulas de psicologia se tornaram um espaço onde essas alunas se sentiam à vontade para compartilhar suas vivências, seus medos, suas angústias e preocupações que surgiam no ambiente da escola onde trabalhavam, algumas como estagiárias, outras como monitoras. Buscavam nessas aulas a oportunidade de amparo e auxílio para seguirem na profissão que escolheram, ao mesmo tempo em que percebiam suas transformações na forma de lidar com os alunos após a oportunidade de poderem compartilhar suas vivências.

Paralelamente a esse contexto, fui convidada a supervisionar estágios em triagem e avaliação psicológica na clínica escola de psicologia na mesma instituição. Novamente me deparei com o contexto de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade, desde aqueles que sofriam e sofrem com a negligência parental, aos herdeiros do tráfico de drogas. As queixas, ora eram da escola, ora dos substitutos desses pais, no papel de cuidadores dessas crianças e adolescentes, enquanto a mãe e o pai estavam presos ou fugidos da justiça.

Minha trajetória cada dia mais parecia atrelada ao contexto escolar e a situações de vulnerabilidade social. Aos poucos, pude amadurecer a ideia e o desejo de pesquisar sobre adolescência e escola, por entender que a escola é um lugar que pode não só ensinar, mas, também, proteger o seu aluno adolescente, tão imaturo, vulnerável e exposto aos riscos da rua, da droga e do crime. Vi no mestrado a oportunidade de estudar,

pesquisar e me aprofundar nesse assunto, buscando entender como os professores percebem os alunos e como se relacionam com eles.

Por entender a escola como um lugar de socialização e de compartilhamento de experiências, desenvolver um estudo que mostrasse como o professor percebia seu aluno e como estes interagiam em sala de aula diante dos conflitos, nos daria um aporte para pensar, num segundo momento, em um projeto na escola como um espaço de promoção à saúde e bem-estar da criança e do adolescente. A escola, como lugar de pertencimento e de desenvolvimento cognitivo, emocional e social, tem assumido cada dia mais o papel da família no que diz respeito ao cuidado integral das crianças e, em alguns casos, dos adolescentes também, pois estes passam a maior parte do tempo na escola. Assim sendo, por que não desenvolver um projeto que possa contribuir para aumentar os fatores protetores desses adolescentes?

Para isso, inicialmente, se fez necessário conhecer o ambiente escolar e investigar como eles entendiam a adolescência e os seus alunos adolescentes. As identificações que são reeditadas na fase da adolescência nos permitiram refletir sobre as relações que se estabelecem nesse contexto, pois sabemos que a relação que o aluno estabelece com o processo de aprendizagem perpassa pela comunicação, pelas trocas de experiências, debates e convivência, situações experimentadas cotidianamente no espaço escolar, em especial, nas interações professor e aluno.

Sabemos que a exposição e o convívio precoce dos adolescentes com ambientes de vulnerabilidade os colocam em contato com o mundo das drogas e da violência cada vez mais cedo. Essa situação tem trazido perdas e dificuldades muito significativas, seja no seu desenvolvimento pessoal, seja no processo de aprendizagem e nas relações interpessoais. As alunas de pedagogia, naquela época, estagiárias ou auxiliares, queixavam-se da dificuldade de abordar alguns alunos que chegavam na sala de aula alterados, com olhos vermelhos, dormindo em sala, dificultando o aprendizado e a dinâmica da sala.

A ideia de desenvolver um trabalho de aproximação e de escuta e estabelecer vínculo com os professores surgiu por entender, a partir da minha experiência, que a escola hoje lida com situações que vão além do processo ensino-aprendizagem e que muitos fatores sociais que adentram a escola dificultam ainda mais a relação professor e aluno, além de entender que as questões que permeiam a adolescência possibilitam uma compreensão mais adequada por parte da escola sobre o processo de desenvolvimento do adolescente e suas peculiaridades.

Nosso objetivo foi investigar as concepções dos professores sobre adolescência e como percebiam seus alunos adolescentes no contexto social e escolar. Em busca de uma compreensão mais aprofundada, minha escolha foi pela escuta psicanalítica, a qual possibilita uma amplitude maior e alcance a tudo o que o indivíduo comunica livremente, como suas experiências, vivências e emoções, de forma direta ou indireta. Da mesma forma, optei pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), pois permite construir o pensar e o conhecimento a partir das interações sociais e culturais experimentadas pelo indivíduo, sendo, o comportamento humano o resultado dessas construções e reconstruções que se dão nos contextos da vida e em sociedade.

Isto posto, proporcionar aos professores participantes da pesquisa uma abertura de um espaço continente e protegido para que pudessem refletir sobre seus alunos e a adolescência vivenciada por eles a partir de trocas de experiências, nos levava a acreditar que não só nos ajudaria a entender como se sentiam/sentem em relação aos alunos e a todos os contextos e demandas que adentravam a escola junto a eles, dia após dia, como também, a partir da escuta e da fala, poderia auxiliá-los a se sentirem mais fortalecidos diante da sobrecarga e demandas de trabalho.

Desse modo, essa dissertação foi dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo aborda a Introdução, contendo, além da apresentação, a revisão de literatura sobre a adolescência e suas vulnerabilidades, papel da família e da escola na formação do adolescente e fatores de risco e proteção.

O segundo capítulo compõe-se dos objetivos (geral e específicos). No terceiro, a metodologia. No quarto estão os resultados da pesquisa, compostos por dois artigos, já que a opção por mim escolhida foi o modelo alternativo de dissertação. Por fim, a discussão geral e a conclusão final da dissertação.

1.2 Desenvolvimento e vulnerabilidades na adolescência

Na adolescência uma das primeiras transformações que acontece é a mudança corporal, em que o adolescente se depara com um corpo que se desenvolve de maneira rápida e com a necessidade de se ajustar a ele. Além do seu crescimento físico, como altura e peso, as dimensões de seu corpo também se modificam, as mudanças hormonais intensificam o impulso sexual e, aos poucos, as funções cognitivas e psicológicas também se desenvolvem, tornando-se mais críticas e abstratas (1).

Seguindo essas mudanças, enfrentar o mundo dos adultos não costuma ser uma tarefa fácil e rápida, pensando que nesse trajeto o adolescente realiza três lutos

fundamentais, sendo: a) o luto pelo corpo de criança, transformado pelas mudanças hormonais; b) o luto pelo papel e identidade infantis, que prova a recusa da dependência dos pais; e c) o luto pelos pais da infância, um desafio doloroso entre o refúgio e a proteção que eles significam (2).

Na proporção em que esse desenvolvimento se dá, o adolescente distancia-se da família, torna-se menos dependente e define novas figuras de identificação e novos pares, em busca de maior autonomia, segurança, status social e um novo lugar de pertencimento (3). Os conflitos podem se tornar frequentes, em especial, no início da adolescência, quando começam a questionar os valores da sua família, por acreditarem na existência de outros possíveis. Diante dessas mudanças inesperadas e invasivas, o adolescente refugia-se em si mesmo, no seu mundo interno, nas suas fantasias, sonhos e devaneios (1), ocorrendo, inclusive, momentos em que o pensamento se mostra mais concreto e lógico, o que interfere na compreensão do que é dito, devido à ausência que ocorre na capacidade de abstração e no pensamento simbólico. Este fato pode ser constatado ao conversamos com um adolescente sobre algo que lhe causa ansiedade e este parece não entender o que está sendo dito, pois as “palavras se tornam concretas”, situação esta vivida por pais e professores cotidianamente, o que ocasiona muitos conflitos (1).

Nos adolescentes existe um descompasso entre a imaturidade do córtex pré-frontal, responsável pela tomada de decisões e controle cognitivo dos comportamentos impulsivos, e o sistema límbico, já bem desenvolvido nesta fase, o que faz com que o adolescente seja dominado pela ação e tenha pouca elaboração das consequências de seus atos (4).

Os comportamentos de risco, como uso e abuso de substâncias psicoativas (SPA), as transgressões e a impulsividade não podem ser explicadas apenas pelo processo maturacional cerebral, devendo ser compreendidos a partir da interação desses processos com os aspectos ambientais e sociais aos quais o adolescente está sujeito (4). A falta de relações empáticas, do apoio familiar e a violência doméstica configuram a multiplicidade de fatores que podem estar associados à vulnerabilidade do adolescente (5). Consequentemente, este último acaba sendo um receptáculo ao assimilar os impactos projetados pelos pais, familiares e sociedade, pois muitas das falhas e conflitos são transferidos aos excessos da juventude, responsabilizando os adolescentes e jovens pela delinquência, abuso de drogas e promiscuidade (2).

Winnicott (6) acredita que quando chega o processo da adolescência, meninas e meninos surgem desajeitados em relação à infância e dependência do ambiente. Neste momento de transição para a vida adulta, além do seu potencial genético, depende do enlace com um ambiente facilitador, que precisa proporcionar condições favoráveis para que seu crescimento seja satisfatório.

O adolescente busca, nessa fase, construir a própria identidade e almeja por desafios, além de sentir necessidade de evitar soluções falsas e querer confrontar a sociedade para poder atuar na condição de si mesmo (7). Estas necessidades possibilitam que o adolescente se sinta real, correspondente à integração psicossomática, ao mesmo tempo em que o oportuniza vivenciar experiências de irrealidade e despersonalização.

Vivências que costumam contribuir não só para a imaturidade e isolamento do adolescente, mas também, para que se torne alguém e busque seu lugar de pertencimento. Assim sendo, necessita de uma nova adaptação ao ambiente, fornecendo-lhe cuidados, amparo e sustentação, tornando-o capaz de suportar as vulnerabilidades propostas pela fase ao Eu (8).

Winnicott considera a imaturidade como parte preciosa da adolescência, pois nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criativo, novos sentimentos e diferentes ideias sobre o modo de ser (6).

1.3 A participação da família na formação do adolescente

As funções básicas da família são educar, cuidar, socializar e suprir seus membros em suas necessidades, de modo seguro e afetivo (9). No entanto, a ideia de família vem se alterando desde a idade média, quando se instituiu uma nova concepção moral para a figura paterna, mais humanizada e sagrada (10). Depois foi a era da Indústria, com mais produção, que impôs uma nova realidade às famílias, com divisão das tarefas, e assim, o cuidado e a educação das crianças foram afetados (11). Com o passar do tempo, houve mais liberdade e flexibilidade nos papéis familiares e novos arranjos, o que contribuiu para a liberdade de escolhas e novos formatos de relações afetivas. Transformações estas que, ao longo do tempo, trouxeram certo desequilíbrio para a relação pais e filhos (12), em que o autoritarismo deu lugar para as famílias desorganizadas e, às vezes, desestruturadas.

1.4 O papel da escola e do professor na formação do adolescente

Assim como o aluno não é mais aquele da década de 60-70, que ao frequentar a escola tinha como principal objetivo aprender e, com isso, se deparava com regras muito bem estabelecidas e frequentava a escola para obter conhecimento, o professor também está longe de ser alguém que apenas transmite o que sabe. Seu papel hoje é diferente daquele de décadas atrás, as exigências vão além do ensinar e, para sobreviver a essas exigências, o professor precisa poder repensar sua prática pedagógica, criar e enfrentar os desafios que se apresentam com a modernidade, sejam eles tecnológicos ou das novas configurações de família e sociedade (12).

Dentre as muitas mudanças que ocorreram nos últimos tempos, tem-se a ampliação do acesso à escola com o intuito de formar mão de obra qualificada para o capital (13), sem ao menos haver preocupação com a forma com que se dariam esses acessos. Assim, houve a inserção de pessoas com os mais diferentes perfis e com várias necessidades, o que impôs à escola e aos professores novos desafios. O abandono dos estudos na adolescência, muitas vezes, reflexo da necessidade que o jovem tem de trabalhar, demonstra que o Brasil não tem formado as pessoas com qualificações mínimas para o exercício da cidadania e para a inserção produtiva no mercado de trabalho (13).

A causa pode estar no início da vida escolar, com baixos estímulos intelectuais e baixa exposição à leitura, assim como os hábitos e socialização que afetam famílias e crianças em situação de vulnerabilidades. Desta forma, para muitas pessoas, propor ações preventivas, sobretudo, visando melhorar a qualidade da educação infantil, assim como apoiar famílias e pais para que possam proporcionar aos seus filhos um ambiente de segurança e previsibilidade, são caminhos possíveis para que crianças e adolescentes se desenvolvam emocionalmente de forma mais saudável e sejam cognitivamente estimulados (6,13,14). Antigamente, o modelo que se aplicava às escolas era mais organizado, com regras claras e limites impostos; caso contrário, o aluno sofria punições, inclusive, com a permissão dos pais. Hoje, em novos tempos, a escola se tornou mais democrática e livre, no entanto, a família está mais ausente do ambiente escolar, o que tem exigido e desafiado muito mais os professores na condução de suas funções, pois, além de ensinar, a escola passou a educar (12).

Os professores, além de não terem suas condições de trabalho e remuneração revistas, enfrentam um desprestígio crescente por parte da sociedade, o que evidencia ainda mais o sentimento de desamparo e abandono sentidos por eles. Estes estão no *front* enfrentando as dificuldades e desafios diários que chegam à escola e ao entorno dela (14),

no entanto, não se sentem respaldados pelas instituições educacionais para que possam se atualizar, discutir, refletir e propor novas ações de se praticar a educação, algo imprescindível em tempos de avanços tecnológicos.

A escola tem como função social preparar alunos, professores e familiares para viverem e superarem as mudanças rápidas propostas pelo mundo globalizado em que vivemos – uma tarefa árdua e das mais difíceis de ser implementada. Cabe à escola ensinar o aluno a lidar com os conflitos interpessoais, favorecendo o desenvolvimento do adolescente e daqueles que com ele convivem (15). Entretanto se houver mais tolerância, flexibilidade, abertura e possibilidade de se criar vínculos, já teremos alguns dos aspectos fundamentais para se conseguir gerir uma sala de aula e sermos capazes de mediar o processo de ensino-aprendizagem no mundo atual, cada vez mais moderno e acelerado.

1.5 Fatores de riscos e de proteção ao adolescente

Como se trata de um período de grandes transformações biológicas, psicológicas e sociais, a vivência de uma fase de risco se intensifica, o que a torna ainda mais desafiadora. Muitas vezes o adolescente se vê isolado e solitário, situação esta que, conseqüentemente, produz um vazio e pode levá-lo a buscar algo para preenchê-lo, a fim de alcançar um alívio imediato. Assim, as substâncias psicoativas (SPA) tornam-se uma aliada possível e acessível, aumentando o risco da dependência. Com o tempo, a capacidade de cognição e de raciocínio torna-se comprometida, deixando o pensamento lento, dificultando a concentração e a retenção de informações, ocasionando alterações de juízo crítico, de julgamento, assim como aumento da agressividade e impulsividade – fatores que prejudicam significativamente os usuários de SPA (3).

Além dos transtornos físicos e cognitivos, diversos estudos internacionais associam os transtornos emocionais na infância e adolescência ao uso e abuso de SPA, dentre eles, o transtorno de conduta, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), depressão, transtorno de humor e de ansiedade, além do bullying (16). Por essas e outras razões, o cuidado precoce e adequado ao adolescente pode evitar e/ou minimizar esse potencial, assim como a exposição a situações de risco ao seu desenvolvimento e à própria vida.

Assim como a participação efetiva da família pode ser um fator de proteção ao adolescente, a desestruturação familiar pode ser um fator de risco. O mesmo ocorre com a instituição escolar, a qual se apresenta como lugar de destaque na formação e na socialização de seus alunos/adolescentes. Por esse motivo, os professores ocupam um

papel muito significativo no desenvolvimento da personalidade de seu aluno (17), sendo tão importantes na vida dos adolescentes como referências de autoridade. Não obstante, compete também à escola promover a saúde e proteção de todos que ali estudam. Entretanto, sabemos que a escola está na rota do tráfico de drogas, que a cada dia alicia de forma precoce crianças e adolescentes, vendendo-os uma falsa ilusão de independência e autonomia imediata (18).

A ideia de se preservar o potencial do adolescente se faz a partir de estratégias e ações educativas e terapêuticas que o possibilite enfrentar os desafios que se apresentam nessa fase da vida, como a vulnerabilidade emocional e social. No intuito de compreender a necessidade de transgressão que a criança e o adolescente têm, como parte de seu desenvolvimento normal e de constituição de sua subjetividade, a escola, em especial, o professor, é figura importante no estabelecimento dos “limites” que possam proteger não somente o adolescente durante suas transgressões, mas, também, os outros que com ele convivem. Estes limites têm a ver com a criação de tempo e espaço, em que as fronteiras ocorram no sentido de um ambiente continente, facilitador, que ofereça proteção (para si e para os outros) a esse viver criativo e que, inclusive, envolve a agressão e a transgressão. Para Winnicott, a criança e o adolescente necessitam de um ambiente previsível para que a confiança possa ser estabelecida (19) e as relações futuras concretizadas.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral

Mapear as percepções dos professores de seus alunos adolescentes.

Objetivos específicos

- 1) Levantar as concepções dos professores sobre a adolescência de seus alunos e os contextos onde eles estão inseridos.
- 2) Identificar de que maneira os professores se sentiam diante de seus alunos adolescentes em situações de risco.

3. METODOLOGIA

3.1 Desenho do estudo

Para o desenvolvimento deste estudo optou-se pela abordagem metodológica qualitativa, a partir da utilização das Narrativas Interativas (NI), sendo um recurso de referencial psicanalítico que privilegia a ampliação da capacidade de se poder compreender as comunicações inconscientes de quem narra um drama (21), o qual, além de favorecer a investigação do sentido afetivo emocional da conduta humana, possibilitou entender e interpretar o significado que as pessoas atribuem ao problema estudado.

Para a análise interpretativa do material narrativo foram utilizados dois métodos. Inicialmente, recorreremos à noção de campo de Hermann (21), tendo os campos de sentido afetivo-emocional discutidos à luz da teorização Winnicottiana. No segundo momento, a análise ocorreu com base na Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), de vertente construtivista, que defende que a teoria é construída a partir do meio do envolvimento e das interações entre as pessoas, possibilitando trazer novos significados para estudo (22).

3.2 Caracterização das escolas Públicas

A pesquisa foi realizada em duas Escolas Públicas Estaduais do Estado de São Paulo, que atendem alunos do ensino fundamental II ao ensino médio. Na primeira escola contamos com a participação de 13 professores, e na segunda escola houve a participação de 17 professores. Ambas escolas estavam localizadas na periferia, em território de precariedade social.

Escolas	Ensino	Nº de participantes	Idade	Sexo
Escola 1	Fundamental II	13 professores	24 a 70 anos	2 H e 11 M
Escola 2	Fund II e Médio	17 professores		4 H e 13 M

Legenda: H (Homens) e M (Mulheres)

3.3 Procedimentos

O estudo ocorreu a partir da aplicação coletiva da Narrativa Interativa (NI), instrumento metodológico utilizado para investigar as concepções dos professores, participantes do estudo sobre a adolescência e seus alunos adolescentes. A Narrativa apresentada aos participantes foi elaborada com o intuito de explorar o imaginário dos

professores sobre a conduta e cotidiano adolescente, assim optamos por um conflito que representasse esse contexto, o que resultou na seguinte história:

Gabriel acabou de se mudar para o bairro e já frequenta a nova escola onde começa a fazer amigos. Como seus pais trabalham o dia todo, Gabriel fica por conta própria: vai à escola pela manhã e à tarde faz lição de casa e joga bola com vizinhos. Rosemeire e Antônio nunca tiveram “dor de cabeça” com o filho que sempre foi obediente e estudioso, mas como ele está ficando adolescente acham que é sempre bom “ficar de olho”.

Num dia chuvoso, faltou energia no trabalho e Rosimeire foi dispensada mais cedo e qual não foi sua surpresa quando, chegando em casa, não encontrou Gabriel em lugar nenhum. Ligou para Paulo e Mariana, os novos colegas de classe do filho, mas eles não sabiam de nada. Dali duas horas Gabriel chega e explica à mãe aflita que estava passeando no parque com amigos do bairro. Rosemeire se acalma, mas fica desconfiada. Conversa com o marido que diz: “isso é coisa de moleque, Rose, não precisa encanar.”

Na semana seguinte, Gabriel pede para ir a uma festa no sábado com amigos da escola. Os pais permitem desde que ele não volte tarde. O filho concorda e logo manda um ‘zap’ para confirmar a sua presença na festa. Rosemeire sabe que é importante o filho ter amizades, mas fica preocupada porque acha que o filho está escondendo alguma coisa. Dito e feito! No Sábado à noite, Rosemeire e Antônio acabaram pegando no sono e só perceberam que o filho não tinha chegado em casa na manhã do domingo.

Foi aquele desespero! Ligaram para todos que conheciam e ninguém sabia do paradeiro de Gabriel. Rosemeire decidiu ir à igreja para saber se alguém tinha visto o filho e Antônio foi procurar na vizinhança, já bastante preocupado. Na igreja, Rosemeire não teve notícias do filho, mas conseguiu o número do celular de um professor de Gabriel que parece ser muito próximo dos alunos. Depois de falar com o professor, Rosemeire liga para o marido:

– Antônio, estou ficando apavorada! O professor disse que ele não está fazendo as lições de casa e tem faltado ultimamente. Você descobriu alguma coisa? O que a gente faz, Antônio? Onde você está?

A pesquisa teve a participação de trinta professores, com idades que variavam de 24 a 70 anos.

A NI foi aplicada em dias alternados, distribuída aos professores para que conseguissem acompanhar a leitura em voz alta pela pesquisadora e, posteriormente, pudessem dar sequência à história fictícia elaborada previamente pela mesma, sua orientadora, coorientadora e seu grupo de pesquisa.

Após todos terminarem de completar as NI, estas foram recolhidas e guardadas em um envelope. Em seguida, os professores foram convidados a compartilhar entre si a experiência vivenciada, o que possibilitou que todos pudessem se expor de forma livre e espontânea sobre os mais diversos assuntos que fazem parte do contexto de vida dos adolescentes, expressando seus sentimentos, medos e angústias mobilizados pela NI. E no intuito de preservar a identidade dos participantes, usamos o nome de pedras preciosas para identifica-los.

3.4 Análise dos dados

Os dados foram analisados a partir do estudo que faz uso do método e da teoria de referencial psicanalítico (Winnicott), que privilegia a interação entre o potencial do sujeito e o ambiente suficientemente bom, favorecedor de seu desenvolvimento emocional (artigo 1). A partir do método psicanalítico, o interesse do pesquisador direciona-se para as particularidades das experiências do participante, considerando o contexto onde elas ocorrem (23), além de favorecer ao participante uma aproximação de suas emoções, permitindo-o associar livremente e criar aberturas para elaborar suas experiências a partir do seu narrar (24).

A Teoria Fundamentada em Dados (TFD), outro método utilizado no estudo, é de ordem indutiva-dedutiva, que prioriza a teoria que emerge dos dados, com base nas relações de conceitos que foram elaboradas a partir de três vertentes metodológicas – a Clássica, reconhecida e defendida por B. G. Glaser; a Straussiana (subjativista), defendida por Strass e Cobin; e a terceira e não menos importante, a Construtivista, abordada por Kathy Charmaz. Nessa abordagem, a percepção e a participação do pesquisador (a) é fundamental, uma vez que é ele quem constrói os dados com base na reflexão que é promovida pelo pesquisador e pelos participantes do estudo, a partir das interpretações feitas dos dados (25).

A identificação da problemática da pesquisa emerge da sensibilização dos conceitos específicos com ênfase nas entrevistas, narrativas intensivas, que permite e

estimula o pesquisador a teorizar acerca das interpretações que aprofundam os significados e os processos evidentes. Isso se dá a partir da análise dos dados, que acontece em duas etapas: codificação inicial e a focalizada; nestas, além de o pesquisador estudar os dados de forma rigorosa, utiliza códigos que possam estabelecer palavra por palavra, linha por linha, incidente por incidente, o que lhe permite separar, classificar, sintetizar e integrar os dados de forma organizada, preconizando os dados mais significativos do material empírico (22).

3.5 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNICAMP (CAAE – 57821816.8.0000) (Anexo 1). Os professores, sujeitos do estudo, assinaram o Termo Livre Esclarecedor (TCLE) (Anexo 2) de forma espontânea e livre.

4. RESULTADOS

A demonstração dos resultados desta dissertação foi feita com base no formato alternativo, a partir de dois artigos, sendo:

Artigo 1 – Elaboraões imaginativas de professores sobre o adolescente: uma leitura winnicottiana.

Artigo 2 – Percepções dos professores de seus alunos adolescentes em situações de vulnerabilidades.

4.1 ARTIGO 1

Título: Elaboraões imaginativas de professores sobre adolescência: uma leitura winnicottiana

Title: Teacher's imaginative elaborations about adolescence: a winnicottian reading

Autores

Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

A autora declara não haver conflito de interesses e a pesquisa foi realizada com recursos próprios.

Contatos: (19) 99345.7447 thaylla@uol.com.br - ORCID: 0000-0002-1937-6978

Emanuele Ferreira da Silva

Psicóloga, Faculdades Einstein de Limeira – FIEL - Limeira/ São Paulo, Brasil.

A autora declara não haver conflito de interesses e a pesquisa foi realizada com recursos próprios.

Contatos: (19) 99318. 9612 mferreira.094@gmail.com ORCID: 0000-0002-2830-6146

Tania Mara Marques Granato

Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUCCAMP, São Paulo, Brasil.

A autora declara não haver conflito de interesses e a pesquisa foi realizada com recursos próprios.

Contatos: (11) 99957.3710 granatotania@gmail.com ORCID: 0000-0002-2912-0693

Lília D'Souza-LI

Doutora em Medicina Experimental pela McGill University, Canadá, professora assistente doutora do Departamento de Pediatria, professora plena do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, pesquisadora do Centro para

Investigação em Pediatria (CIPED), Faculdades de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, São Paulo, Brasil.

A autora declara não haver conflito de interesses e a pesquisa foi realizada com recursos próprios.

Contatos: (19) 99216.1807 Idesouza@globocom.com ORCID: 0000-0002-8574-7140

Correspondência:

Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral

Endereço Institucional: CIPED – Rua Tessália Vieira de Camargo

Cidade Universitária – CEP: 13083-887 Campinas – Telefone: (19) 3521-8972

E-mail: thaylla@uol.com.br

Contato: (19) 99345.7447.

COLABORADORES

T.K.C.T. Amaral participou da concepção do estudo, coleta de dados, processamento, análise e interpretação dos dados, revisão da literatura e redação do artigo.

E.F. Silva participou da coleta de dados e da transcrição do material da pesquisa.

T.M.M. Granato participou da concepção do estudo, da elaboração do instrumento utilizado, da análise, interpretação dos dados e revisão final da versão a ser publicada.

L. D'Souza-Li participou da concepção do estudo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo e aprovação final da versão a ser publicada.

O respectivo artigo compõe a dissertação de mestrado intitulada: **Elaborações e percepções de professores sobre a adolescência de seus alunos. Foi submetido para Revista Estudo em Psicologia**

Autora: Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Ano de publicação: Janeiro de 2019.

RESUMO

Nos dias atuais, o adolescente em situação de vulnerabilidade social demanda dos pais, professores e da sociedade um cuidado que o proteja dos riscos adicionais a que está exposto, sem que se comprometa o desenvolvimento de sua autonomia. Este estudo qualitativo teve como objetivo investigar elaborações imaginativas de 30 professores sobre a adolescência utilizando da Narrativa Interativa como recurso investigativo. O material narrativo foi analisado interpretativamente em busca dos sentidos afetivo-emocionais subjacentes às elaborações dos participantes, resultando nos campos de sentido: “Não façam da adolescência um bicho de sete cabeças” e “Adolescência: sinal de perigo”. Para além das questões pedagógicas, os participantes manifestaram dificuldade para lidar com questões próprias ao desenvolvimento emocional do adolescente, oscilando entre concepções estereotipadas e uma postura empática diante da imaturidade adolescente. Concluiu-se que o adolescente provoca sentimentos ambivalentes em seus professores, os quais assumem desde uma postura autoritária até a aceitação do conflito adolescente como etapa do desenvolvimento.

Palavras chave: adolescência; vulnerabilidade social; família; psicologia

ABSTRACT

In the present day, the adolescent in situations of social vulnerability demands from parents, teachers and society a care that protects them from the additional risks to which they are exposed, without compromising the development of their autonomy. This qualitative study aimed to investigate the imaginative elaborations of 30 teachers about the adolescent using an Interactive Narrative as an investigative resource. The narrative material was analyzed interpretively in search of the affective-emotional senses underlying the elaborations of the participants, resulting in the fields of senses: "Do not

make a bug of seven heads" and "Adolescence: sign of danger". In addition to the pedagogical issues, the participants expressed difficulty in dealing with issues specific to the adolescent's emotional development, oscillating between stereotyped conceptions and an empathic posture in the face of adolescent immaturity. It was concluded that the adolescent provokes ambivalent feelings in his teachers, who assume either an authoritarian position or the acceptance of the adolescent conflict as a development stage.

Keywords: adolescence; social vulnerability; family; psychology

INTRODUÇÃO

O adolescente é um sujeito histórico e social, assim como as suas vulnerabilidades. Vulnerabilidades que emergem da fragilização dos vínculos de pertencimento, da violência familiar e/ou social, da inserção precoce no mercado de trabalho e outras tantas formas que expõem o adolescente, além da alta expectativa dos familiares, professores e sociedade para que se tornem adultos e autônomos o mais breve possível (Eisenstein, 2005).

A escola, assim como a família, é reconhecidamente um fator de proteção e formação do adolescente. No entanto, esta proteção fica comprometida pela alta expectativa em relação ao desempenho do estudante e a descrença dos professores quanto à possibilidade de mudança de comportamento dos alunos. Assim, os professores acabam comunicando ao adolescente uma falta de empatia e de confiança em relação às ideias, desejos e comportamentos do aluno (Fonseca, F, F., Sena, R, K, R., Santos, R, L, A dos., Dias, O, V., & Costa, S, de M., 2013).

A falta de oferta de um ensino de qualidade, a pobreza, a falta de oportunidade e de emprego afetam direta ou indiretamente a trajetória de vida do adolescente, que se vê,

em determinadas situações, diante da ‘obrigatoriedade’ de se inserir precocemente no mercado de trabalho e/ou no tráfico de drogas (Fonseca et al., 2013). Além disso, a necessidade de obter renda e a descrença de que seja possível melhorar de vida por meio dos estudos, favorece a evasão escolar e aumenta o risco do adolescente se envolver com ações infracionais, na ilusão de se afirmar enquanto sujeito (Pires, S. D.; Sarmiento, M. M.; Drummond, M. F. L. A. O., 2018).

Ações educativas e terapêuticas bem-sucedidas no enfrentamento destes desafios tendem a promover o potencial do indivíduo, cujo fortalecimento lhe permitirá desenvolver os próprios recursos para lidar com seu entorno. Por esta razão, este trabalho teve como objetivo investigar as elaborações imaginativas de um grupo de professores sobre o adolescente e o processo de adolecer, na medida em que a conduta humana se baseia por exemplo em ideias, crenças, cultura e até preconceito.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 30 professores oriundos de duas escolas da rede pública estadual de ensino de uma cidade do interior paulista, sendo 4 homens e 26 mulheres, com idades que variavam de 24 a 70 anos. Na primeira escola, os 13 participantes trabalhavam em período integral (das 7h30 às 16h30), lecionando para adolescentes de 11 a 14 anos de idade. Na segunda escola, os 17 professores participantes trabalhavam em dois turnos e lecionavam, no período da manhã, para alunos de 15 a 18 anos que cursavam o Ensino Médio e, no período da tarde, para adolescentes de 11 a 14 anos que cursavam o Ensino Fundamental II. Ambas as escolas estavam localizadas na periferia do

município onde foi realizada a pesquisa, em um território de vulnerabilidade e precariedade social.

Narrativa interativa

Para a coleta de dados, que se deu em um enquadre de entrevista coletiva, fizemos uso de uma Narrativa Interativa (NI), procedimento criado por Granato e Aiello-Vaisberg (2016) como recurso para investigação psicanalítica, o qual visa acessar a experiência emocional dos participantes frente a um determinado tema, problema ou situação. Partindo do pressuposto de que as narrativas que elaboramos ao longo da vida visam não somente a comunicação, mas a própria elaboração do viver (Granato, Russo, & Aiello-Vaisberg, 2009), propusemos o narrar como convite para que o participante vivesse uma experiência, e não a explicasse, dando novos sentidos a suas vivências (Benjamin, 1996).

A NI consistiu em uma história ficcional elaborada previamente pela pesquisadora e discutida com seu grupo de pesquisa em busca de adequação de seu conteúdo, linguagem e estilo ao objeto de estudo e ao universo vivencial do participante. Como é usual na construção da NI, em um determinado momento a trama é interrompida para que os participantes possam completá-la de modo espontâneo e em direção a um desfecho (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013). No caso deste estudo, participaram desse processo a pesquisadora, sua orientadora, a coorientadora e seus grupos de pesquisa. Vale lembrar que toda NI passa por variadas versões até que seja considerada suficientemente boa como meio de acesso ao contexto dramático que se pretende investigar.

A ideia de utilizar uma NI como recurso investigativo visou privilegiar a característica dialógica do encontro entre pesquisador e participante, dando a este a oportunidade de se identificar com os personagens e os conflitos veiculados pela narrativa. De forma protegida e lúdica, uma vez que transita pelo campo ficcional, a NI

convida o participante a criar um desfecho para a situação apresentada pelo pesquisador (Granato, Corbett, & Aiello-Vaisberg, 2011; Granato & Aiello-Vaisberg, 2016).

Com o intuito de explorar o imaginário de professores sobre a conduta adolescente optamos por um conflito do cotidiano adolescente, o que resultou na seguinte história:

Gabriel acabou de se mudar para o bairro e já frequenta a nova escola onde começa a fazer amigos. Como seus pais trabalham o dia todo, Gabriel fica por conta própria: vai à escola pela manhã e à tarde faz lição de casa e joga bola com vizinhos. Rosemeire e Antônio nunca tiveram “dor de cabeça” com o filho que sempre foi obediente e estudioso, mas como ele está ficando adolescente acham que é sempre bom “ficar de olho”.

Num dia chuvoso, faltou energia no trabalho e Rosimeire foi dispensada mais cedo e qual não foi sua surpresa quando, chegando em casa, não encontrou Gabriel em lugar nenhum. Ligou para Paulo e Mariana, os novos colegas de classe do filho, mas eles não sabiam de nada. Dali duas horas Gabriel chega e explica à mãe aflita que estava passeando no parque com amigos do bairro. Rosemeire se acalma, mas fica desconfiada. Conversa com o marido que diz: “Isso é coisa de moleque, Rose, não precisa encanar.”

Na semana seguinte, Gabriel pede para ir a uma festa no sábado com amigos da escola. Os pais permitem desde que ele não volte tarde. O filho concorda e logo manda um ‘zap’ para confirmar a sua presença na festa. Rosemeire sabe que é importante o filho ter amizades, mas fica preocupada porque acha que o filho está escondendo alguma coisa. Dito e feito! No sábado à noite, Rosemeire e Antônio acabaram pegando no sono e só perceberam que o filho não tinha chegado em casa na manhã do domingo.

Foi aquele desespero! Ligaram para todos que conheciam e ninguém sabia do paradeiro de Gabriel. Rosemeire decidiu ir à igreja para saber se alguém tinha visto o filho e Antônio foi procurar na vizinhança, já bastante preocupado. Na igreja, Rosemeire não teve notícias do filho, mas conseguiu o número do celular de um professor de Gabriel que parece ser muito próximo dos alunos. Depois de falar com o professor, Rosemeire liga para o marido:

– Antônio, estou ficando apavorada! O professor disse que ele não está fazendo as lições de casa e tem faltado ultimamente. Você descobriu alguma coisa? O que a gente faz, Antônio? Onde você está?

Procedimento

A aplicação da NI foi realizada em duas entrevistas coletivas, uma em cada escola, nos horários de trabalho pedagógico coletivo, tendo sido previamente agendado com a coordenação.

A NI foi distribuída aos professores em folha impressa para que acompanhassem a leitura em voz alta realizada pela pesquisadora responsável e, em seguida, foram convidados a completá-la espontaneamente, por escrito. Uma estudante do curso de Psicologia acompanhou todo o procedimento, responsabilizando-se pela transcrição e registro do comportamento e diálogo dos participantes. Depois de finalizadas, todas as NI foram recolhidas e guardadas em um envelope para preservar o anonimato dos professores.

Em seguida, a pesquisadora convidou o grupo de professores para refletirem sobre aquela experiência compartilhada, externando sentimentos e emoções mobilizados pelo drama apresentado pela NI ou qualquer outro assunto que quisessem discutir. Uma postura de acolhimento e escuta atenta da pesquisadora permitiu aos participantes um

discurso livre e fluído, possibilitando um expressivo material narrativo cuja interpretação resultou na configuração de campos de sentido afetivo-emocional.

Em uma primeira etapa de análise do material narrativo produzido, a pesquisadora analisou os sentidos identificados em cada uma das NI dos participantes para, numa segunda etapa, analisá-los como expressão do coletivo de professores junto a seu grupo de pesquisa, a fim de apurar sua compreensão sobre o fenômeno estudado.

Os campos são configurações de sentidos afetivo-emocionais que se organizam em torno de uma determinada vivência, expondo seus aspectos individuais e coletivos, a partir das elaborações imaginativas dos participantes da pesquisa (Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2014). Cada campo é nomeado de modo a comunicar o sentido dramático da experiência de um ou de vários participantes, uma vez que o individual sempre se produz em articulação com o coletivo, de acordo com uma concepção de homem socialmente constituído (Bleger, 1984).

Os campos foram discutidos à luz da teorização Winnicottiana sobre o ambiente suficientemente bom, a tendência antissocial, processos de integração de *Self* no âmbito da precariedade a que crianças e adolescentes foram expostos durante a Segunda Guerra Mundial (Abram, 2000).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNICAMP conforme o parecer (CAAE – 57821816.8.0000) e os participantes informados sobre os objetivos e métodos do estudo e como se daria a sua participação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Entendendo que o pesquisador é também um agente participativo e atuante no universo estudado, a escuta psicanalítica da pesquisadora responsável permeou a elaboração da NI, o modo associativo com que realizou seus registros, e a postura com

que acolheu os participantes, uma vez que o campo transferencial não se restringe ao setting analítico (Herrmann, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise interpretativa do material produzido pelos participantes do estudo emergiu dos dados, sendo dois campos de sentidos afetivo-emocionais: “Não façam da adolescência um bicho de sete cabeças” e “Adolescência: sinal de perigo”.

Campo 1 – “Não façam da adolescência um bicho de sete cabeças”

O campo “Não façam um bicho de sete cabeças” reúne as produções de professores que fazem referência ao modo de ser do adolescente, seus desejos, experimentações, descobertas, reações e seu modo de se manifestar frente às demandas da realidade. A afirmação que nomeia o campo resgata o adolescente que é usualmente visto como impulsivo, irresponsável e imaturo, para recolocá-lo como aquele que está em busca de novos lugares de pertencimento, novos interesses e conquistas a caminho de sua autonomia. A adolescência é uma fase de transição cujas transformações se desenrolam nos âmbitos físico, psíquico e social possibilitando ao jovem gerir uma série de escolhas que, em sua maioria, resultam em conflitos familiares, em especial parentais (Araújo, 2014) que, por sua vez, marcam o processo de subjetivação do adolescente.

Em suas NI, os professores, referem à adolescência como fase em que o desenvolvimento e constituição da sexualidade caminham rumo à escolha de objetos amorosos. Segundo a psicanálise, esse processo se dá na fase edípica, que se inicia por volta dos três anos de idade, quando a atenção da criança está voltada para a descoberta do próprio corpo, para a discriminação do seu papel sexual e as identificações com seus progenitores. Essa organização psíquica infantil ressurgue na fase da adolescência, quando

o adolescente já se encontra em condições de ter relações sexuais, estabelecer novos vínculos e amar (Zanetti & Höfig, 2016).

A manifestação da sexualidade adolescente esteve entre os temas mencionados pelos professores, como podemos verificar na NI da professora Turmalina Azul, 31, Feminino:

Rosemeire e o pai resolvem olhar o computador do filho e verificar se descobrem onde Gabriel está. Quando olham a página de relacionamento do filho (Facebook) verificam pelo bate papo que o filho está de namoradinha. E o motivo pelo qual ele está faltando ultimamente é que como a menina estuda em período oposto ao dele, falta para encontrá-la... não ter chegado no horário é que depois da festa resolve ir de carona com a namorada para outra festa, onde não pegava celular e não podia vir embora (pois dependia da carona de alguém).

Tomemos agora a fala da professora Granada, 45, Feminino:

Ele está aqui, ontem à noite eles foram para uma balada e ficaram até a madrugada, dançando e se divertindo; como aqui caiu uma chuva muito forte, resolveu dormir por aqui mesmo...e ele explicou que estava ficando com uma menina, a Marília, estava apaixonado.

Embora as professoras Granada e Turmalina Azul aludem à irresponsabilidade e à imaturidade do adolescente, estas aparecem associadas à emergência da sexualidade, como se esta justificasse a conduta irresponsável do adolescente e, de uma certa forma, a inserisse dentro do esperado para essa fase do ciclo vital. Assim, Granada e Turmalina parecem comunicar que pais e professores não deveriam se preocupar tanto já que a adolescência não é nenhum “bicho de sete cabeças”.

Em sua NI, a professora Rubi (50, feminino) chama a atenção para os ajustes que o desenvolvimento dos filhos impõe aos pais, no sentido de promoverem o mesmo

ambiente seguro de outrora, porém com adaptações que levem em conta os anseios de liberdade e autonomia do adolescente. Além disso, Rubi enfatiza a nostalgia que acomete os pais à medida que seus filhos crescem:

Quando eram crianças era mais fácil a convivência no sentido de ficarmos mais juntos, hoje sinto essa falta. Mas quando ficamos juntos (poucos momentos) é muito bom, muito carinho, muito amor. Mas sinto falta de conversar mais, de saber melhor de seus planos, de seus sonhos.

A presença de um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1979/1982) contribui para uma internalização adequada das figuras parentais e de autoridade, na medida em que o adolescente sente-se protegido, seguro e em condições de dialogar com a realidade, de forma livre e autêntica. A confiabilidade do ambiente, que se manifesta pela sua previsibilidade, estabilidade e oferta de sustentação emocional ao adolescente, tem um papel decisivo no sentimento de segurança e confiança deste.

Entretanto, o desenvolvimento da autonomia é gradual e acompanha o desenvolvimento emocional do indivíduo. Embora seja pontuado de progressões e regressões, só vai se consolidar em um ambiente familiar satisfatório, condição *sine qua non* para o desenvolvimento integral do indivíduo (Winnicott, 1989/1999).

Diante dos desafios que as famílias enfrentam na contemporaneidade, a despeito de sua diversificação e da inclusão de novas formas de cuidar, uma das questões mais discutidas na atualidade é a questão dos limites que a criança e o adolescente recebem. Limite que, para Winnicott (1987/2012), é o grande estruturador da criatividade, pois será apenas em um espaço seguro que o adolescente poderá exercitar a sua capacidade de pensar de forma espontânea, além de se organizar emocionalmente.

A mudança da família patriarcal para a família nuclear contribuiu de certa forma para distanciar criança e adolescente das demais figuras de identificação familiar, como

os avós, tios e primos. Além disso, quando ambos os pais estão inseridos no mercado de trabalho, restringe-se ainda mais o envolvimento afetivo com os filhos. Algumas alternativas que se apresentam hoje frente ao desamparo são os vizinhos e os amigos, em uma tentativa constante de resgatar os laços perdidos (Araújo, 2014).

Como podemos observar na NI da professora Ágata, 31, feminino:

Os pais de um amigo de Gabriel contaram que eles dormiram na casa do Tiago e assim pegaram o endereço e correram até lá. Tiago era um menino mais velho, que liderava o grupo dos amigos. Já tinha moto e os pais deixavam ele frequentemente sozinho aos finais de semana, quando resolviam viajar.

Tiago, nesse caso, pode servir a Gabriel como uma referência alternativa nesse processo de construção de identidade, como mais velho e mais independente das figuras parentais parece se oferecer como figura intermediária —entre o adolescente e o adulto— para uma identificação mais empática e acolhedora dos anseios adolescentes.

Apesar da tendência inata ao amadurecimento (Winnicott, 1999) que acompanha o ser humano desde o seu nascimento, para que cada indivíduo se desenvolva criativamente precisa haver um ambiente acolhedor e atuante no sentido de facilitar e dar continuidade ao processo de integração. Para esse viver criativo que, inclusive, envolve a agressão e a transgressão do adolescente, a previsibilidade do ambiente torna-se fundamental, tornando-o confiável (Araújo, 2014), permitindo que o adolescente confie nas relações futuras, pois só consegue ser livre quem um dia pôde se sentir seguro.

A escola pode se constituir como continuidade do lar, oferecendo-se como um ambiente previsível e de contenção aos seus alunos, tendo clareza sobre a distinção das tarefas, coerência nas exigências, justiça e firmeza na aplicação das regras. Como pudemos notar pelas NI deste estudo, os professores concebem o limite como necessário, porém lembramos que este só poderá ser aproveitado pelo adolescente se refletir a

sustentação emocional do ambiente, diante das ambivalências e inquietudes, protegendo-o e amparando-o quando não se comporta de modo socialmente esperado.

Assim como as instituições de ensino e as de saúde têm sido convocadas a intervir nesse cuidado, a escola em tempo integral já faz parte da realidade de muitas famílias brasileiras, onde a criança e o adolescente passam a maior parte do seu dia dentro dos muros da escola (Wagner, L.C.; 2017).

Campo 2 – “Adolescência: sinal de perigo”

Este campo faz alusão à crença dos participantes de que a adolescência sempre representa problemas cuja origem é atribuída à falta de envolvimento afetivo, de dedicação e responsabilidade dos pais. A maioria dos relatos dos professores comunica o medo do adulto perder o controle sobre o adolescente, situação em que o adolescente transitaria de uma conduta de simples interlocutor na relação com o outro para uma postura mais questionadora e ativa rumo a condutas transgressoras.

Essa perspectiva naturalizante da conduta adolescente está profundamente arraigada a uma sociedade e, conseqüentemente, uma comunidade pedagógica que, na sua maioria, culpabiliza os pais e o próprio adolescente pela situação de vulnerabilidade a que estão expostos, como a violência e o uso de substâncias lícitas e ilícitas (Bock, 2007).

Além disso, o próprio professor que lida com o adolescente percebe que o conhece menos do que gostaria. As inquietações da fase perturbam o professor que não tem respostas a dar, como as que dizem respeito às escolhas amorosas, sexuais e profissionais por exemplo, deixando assim o adolescente ainda mais vulnerável para superar suas angústias e preocupações (Olímpio, 2015).

Observamos na NI da professora Água Marinha (58, feminino) esse tipo de postura culpabilizadora:

A grande falha dos pais foi não acompanhar o filho na escola, não saber quem são os novos colegas, ainda mais por estarem em um lugar novo, confiar apenas na ligação ou mensagem do celular, pois não dá para saber se realmente ele diz a verdade sobre o lugar que está.

Enquanto busca novos lugares de pertencimento e novos papéis sociais, o adolescente se expõe, diferenciando-se dos modelos parentais na construção da sua subjetividade. A tarefa dos pais, professores, responsáveis pelos adolescentes é de se fazer presente cuidando e protegendo para que a retirada da autoridade seja gradativa (Winnicott, 1987/2012).

Os processos de diferenciação e individuação permitem ao bebê viver a experiência de onipotência ao ter suas necessidades prontamente atendidas pelo ambiente, representado, inicialmente, pela função materna. É nessa fase do estágio de dependência absoluta, que se inaugura a possibilidade de agir de modo espontâneo e se relacionar criativamente com o mundo que lhe será apresentado de forma gradual e, portanto, segura. A base para o estabelecimento da confiança no outro, para Winnicott (1987/2012), vem da estabilidade e da previsibilidade do ambiente humano que se oferece ao bebê a partir da rotina e dos cuidados no início da vida. Se o indivíduo tiver experiências iniciais satisfatórias, avança rumo à independência, ainda que relativa, e desenvolve sua capacidade de lidar com as frustrações impostas pelo ambiente (Winnicott, 1989/1999).

De acordo com Winnicott (1989/1999), sair do estado de dependência absoluta rumo à independência é o grande percurso que o ser humano precisa concluir para se tornar sujeito. A qualidade da relação primária mãe-bebê é garantida quando há um pai que lhe dê suporte e segurança suficientes para que ela seja suficientemente boa (Araújo,

2014). Nessa concepção, ainda marcada pelo modelo de família tradicional, o pai teria o papel de romper uma suposta relação mãe-bebê fusional, ao intervir e impor o limite necessário e significativo para que o processo de identificação se desenrole. Porém, sabemos que hoje, já bem distantes do modelo familiar a que o próprio Winnicott esteve exposto, testemunhamos todo um debate social em torno das funções parentais e das diferentes configurações familiares que têm surgido na contemporaneidade (Moraes & Granato, 2016). Se ainda articularmos a questão das novas parentalidades com as relações de gênero e a vulnerabilidade social em que a maioria dos alunos dos participantes deste estudo vivem, teremos um quadro bastante diverso de uma classe média britânica nos anos 1950.

A professora Safira (36, feminino) aborda em sua NI, ainda que sutilmente, o risco a que essa população de estudantes está exposta:

Passadas algumas horas, encontraram o filho que disse que estava na casa de um amigo. Que saiu da festa e foi para outra com esse amigo. O que aconteceu nessas festas, o filho omitiu dos pais, mas esses se conscientizaram da importância de estarem mais presentes na vida do filho. Resolveram ficar mais atentos em suas conversas no celular e acompanhá-lo na ida e retorno de seus passeios. Mesmo com isso, sabiam que não era garantia do filho não se envolver com más companhias e drogas, então o diálogo tornou se mais frequente no lar dessa família.

Da perspectiva dos pais, Safira refere a dificuldade, a surpresa e o sentimento de impotência como parte do cotidiano parental, o que nos leva a refletir sobre o fato do adolescente contar com um ambiente familiar suficientemente bom não ser garantia de sucesso, já que é a “tendência inata no sentido da integração e do crescimento que produz a saúde e não a provisão ambiental” (Winnicott, 1979/1982, p.65). Desse modo, os pais

da NI de Safira buscam adaptar-se ao momento maturacional do filho adolescente, buscando novas formas de cuidar e proteger.

A mesma função parental que dá ao adolescente a possibilidade de se relacionar e viver criativamente é a que proporciona o espaço para que ele possa transgredir, experimentando e transformando o aprendizado que obteve na infância (Araújo, 2014). Dias (2002) destaca que se a família for capaz de suportar o indivíduo, em sua destrutividade e criatividade, ela se torna o lugar de referência e suporte à criança e ao adolescente para que eles possam aprender a “questionar o código social” (Araújo, 2014), criando seu próprio código, por meio da atualização do aprendizado infantil e da continência parental que contribuem para que as mudanças sociais e culturais se deem de modo criativo.

Na NI da professora Jaspe (49, feminino) é retratado um adolescente que embora infrinja o código social, ao beber e passar mal, não perde os pais como figuras de cuidado e orientação. Seus pais resistem e sobrevivem aos desafios que o filho lhes apresenta, evidenciando suas resiliências e responsabilidades:

Antônio continua a procura e descobre que na festa tinha bebida alcóolica e Gabriel está no hospital no soro se recuperando. Vai até o hospital, já em companhia da mãe, já decididos a orientar o filho sobre os lugares onde vai e as consequências de seus atos.

No entanto, a professora Topázio Azul (37, feminino) ilustrou a distância que pode se abrir entre os pais e o filho adolescente que, assim, se veem incapacitados de exercer a função parental e se tornam meros espectadores das transgressões do filho:

O pai... não achou o filho, mas descobre que o menino é visto diariamente com ‘novos colegas’ andando pelo bairro e cometendo atos de vandalismo. Que esses

‘moleques’ picham as casas, maltratam animais e xingam as crianças e idosos do bairro.

Como a NI de Topázio Azul informa, nem sempre a transgressão ocorre de modo criativo e construtivo (Araújo, 2014), no sentido da criação de novas referências de mundo. Pelo contrário, quando as regras não puderam ser internalizadas a partir de uma apropriação pessoal do adolescente, a transgressão perde esse caráter de rompimento com o antigo e estruturação do novo para se tornar um ato meramente destrutivo, uma vez que nega os acertos e as conquistas do modelo relacional anterior.

A NI da professora Jade (70, feminino) alude a uma outra possibilidade de leitura do mesmo fenômeno, a qual se refere ao fato da transgressão significar um pedido de socorro por parte do adolescente (Winnicott, 1987/2012) que, assim manifesta sua esperança de ser resgatado de um movimento autodestrutivo:

Ao chegarem, conversam longamente sobre o que poderia estar acontecendo...se foi liberdade sem “vigilância” e ambos chegam à conclusão de que Gabriel havia se tornado adolescente e eles não tinham reparado. Decidem, então, ligar aos Prontos-socorros, hospitais em busca de alguma informação. Após muitas tentativas, em um desses locais eles obtêm a informação de que um jovem sem qualquer identificação deu entrada por ter ingerido bebida alcóolica e sintomas de uso de entorpecentes...imediatamente se dirigem ao local e constataam tratar-se de Gabriel. Sentiram ao mesmo tempo um misto de alegria e tristeza. Primeiro, o filho, mesmo naquelas condições, estava vivo, e, segundo, assumiram a responsabilidade pelo ‘abandono’ na educação dele, tanto em casa como na vida escolar. Há males que vem para o bem, pois ainda estava em tempo de ajudarem Gabriel, e acreditaram que a mudança era possível.

A NI de Jade sublinha a capacidade de reorganização do ambiente familiar para ir ao encontro do pedido de ajuda do adolescente, amparando-o em sua luta para se libertar da dependência de substâncias psicoativas (SPA) e de seu envolvimento com o tráfico.

Diferentemente da NI de Jade, a professora Aventurina (56, feminino) sugere a possibilidade de reincidência do ato infracional do adolescente, o que nos leva a supor uma falha na constituição de um objeto interno bom e protetor. A ausência desse centro integrador do eu pode ter contribuído para o abuso de SPA como estratégia de resgate da ilusão e da segurança do lar perdidas em um contexto de vulnerabilidade social. Nesta condição também não podemos deixar de considerar a precariedade social como um dos fatores que leva jovens para o tráfico como solução para problemas:

Seu filho estava com 50 flaconetes de pó (cocaína) e fora visto vendendo a droga na calçada da escola. Mais tarde, a direção do colégio informou que ele estava comercializando a droga no intervalo. Depois de um surto de choro e medo, Rosemeire se despede do filho, levado algemado pra FEBEM... Depois de 13 anos...Rosemeire aguarda o filho sair do presídio, o qual já foi cumprir pena por tráfico pela terceira vez.

Quando o ambiente não é bom o suficiente em termos de confiabilidade, o adolescente pode perder contato com os objetos e com a sua capacidade de encontrá-los de forma criativa. Isso pode dar origem à tendência antissocial (Winnicott, 1987/2012) que se organiza frente à privação que ocorre no estágio de dependência relativa, quando a desadaptação do ambiente às necessidades do bebê ocorre de forma abrupta e inesperada. Essa privação do cuidado interrompe o viver criativo e leva o adolescente a se opor à sociedade em geral, a qual é por ele responsabilizada e de quem ele exige a devolução da segurança e confiabilidade perdidas (Fulgêncio, 2016).

Apesar de Winnicott (1987/2012) não eximir o adolescente de sua responsabilidade pelos atos cometidos, acredita que ele não possa ser penalizado por suas transgressões, nem se sentir destruído e nem ter a sensação de ter destruído o outro com suas atitudes, visto que a adolescência é uma etapa de imaturidade e o adolescente não consegue ter a dimensão das consequências de seus atos.

Diante da vulnerabilidade social em que grande parte das famílias brasileiras vivem, podemos supor que crianças e adolescentes, nessas condições, mais do que serem escolarizados, talvez busquem na escola cuidado, proteção, limite, orientação.

O individualismo que hoje caracteriza a sociedade ocidental e o enfraquecimento das famílias em situação de vulnerabilidade social, somados ao descaso do Estado, adolescentes, pais e professores têm referido o desamparo diante de questões que ultrapassam o espaço privado. Pais e professores deixam de figurar como referência para o adolescente e passam a buscar a solução ora no autoritarismo, ora na permissividade, impossibilitados que estão de ocupar a posição intermediária entre esses extremos.

A família e a sociedade enfrentaram grandes desafios no século XX, como a evolução do conhecimento científico e a mudança do lugar social da mulher, que demandaram ajustes. Quando a mulher saiu de casa em busca de trabalho, expôs o desamparo familiar e demandou uma maior participação do homem na educação dos filhos (Cerezer & Outeiral, 2011). Hoje surge a figura do novo pai (Moraes & Granato, 2016) cujas promessas de cuidado compartilhado não têm se efetivado, seja pela necessidade de ambos os pais contribuírem com a renda familiar, ausentando-se do lar, seja pela dificuldade de mudança de mentalidade de uma sociedade que ainda distribui os papéis sociais segundo o gênero, a idade, a cor, dentre outros critérios .

Winnicott (1989/1999) ressalta que os adolescentes caminham de um modo bastante desajeitado e dependente rumo à vida adulta e que crescer não depende apenas

do potencial herdado, mas do entrelaçamento que se dá com o ambiente facilitador. Caso a família ainda possa ser utilizada como referência de cuidado, isso acontecerá mais vezes ao longo da vida. Do contrário, se ela não estiver mais disponível, nem para ser posta de lado, será necessário prover pequenas unidades sociais para lidar com esse processo de desenvolvimento do adolescente. E é nesse contexto que a escola está inserida, no processo de ampliação da sua escuta e amparo ao que ressoa do ambiente familiar.

As queixas de sofrimento psíquico por parte dos professores têm sido recorrentes nos dias atuais, diante da complexidade em que se transformou o contexto escolar, além do fato da escola ainda se orientar por um discurso alinhado à velha ideia de domesticação dos instintos e de saber único, estático e linear. Nesse cenário, pais e professores ficam impossibilitados de perceber o adolescente como alguém que luta para sentir-se real (Araújo, 2014).

Do outro lado está o adolescente que traz às instituições e professores um novo desafio, o de desmistificar o “aluno ideal”, aquele que chega motivado para a difícil tarefa de estudar e respeitar as regras da escola, porém de modo passivo. Entretanto, os professores se veem perdidos diante da novidade da tarefa, uma vez que a formação docente não lhe dá suporte para desconstruir esse modelo de aluno e elaborar novas práticas e mais sintonizadas com as necessidades desse crescente público (Leite, F. M., Pessoa, M. C. B., Santos, D. P., Rocha, G. F., & Alberto, M. F. P., 2016).

Consideramos que, de modo geral, que apesar do grupo de professores participantes se mostrar capaz de identificar os desafios que acompanham a adolescência, como o surgimento da sexualidade, os novos contornos da agressividade, os vínculos com os pares, as necessárias modificações no cuidado parental, e a possibilidade da transgressão, o adolescente ainda suscita estranhamento. A dificuldade do adulto lidar com o novo que o adolescente apresenta sob a forma de desafio parece deixar a todos

desnorteados e fragilizados, gerando desconfiança e desconsideração das etapas que se sucedem na tarefa de se tornar um adulto. Se esse panorama aponta para as múltiplas dificuldades que o adulto enfrentará na lida diária com o adolescente, é fato que condições precárias de vida, como as que marcam esse território em que pais, adolescentes e professores se encontram amplificam a falta de comunicação e acolhimento do jovem que são necessários para a construção de projetos de vida.

Assim, estudos que investiguem as relações que são criadas em torno do professor e aluno, podem contribuir com a ampliação do entendimento desse contexto relacional conflituoso que se produz na escola diariamente, além de possibilitar um movimento dialético que se dá entre as concepções e fantasias dos professores e a experiência emocional do adolescente. Poder repensar a prática pedagógica atual se torna urgente diante da problemática que se manifesta na escola, onde questões familiares e sociais se ocorrem concomitantemente ao processo de aprendizagem. A escola também carece de suporte social e político para que seu olhar se amplie e alcance as mudanças que assolam a sociedade, sustentando assim o sonho, o desejo e a esperança desse adolescente por dias melhores, uma vez que o professor e a escola são partes integrantes desse processo de orientação e parceria.

REFERÊNCIAS

- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Ambrósio, F. F. & Vaisberg, T. M. J. (2014). A importância do conceito de campo como procedimento de Ambrósio e Vaisberg. *Anais da XII Jornada Apoiar: A Clínica Social –Propostas; Pesquisas e Intervenções*, São Paulo, pp. 122-134.
- Araújo, S. M. B. (2014). *Pai, aproxima de mim esse cálice: significações de juízes e promotores sobre a função paterna no contexto da justiça*. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, (12)19, 80-87. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v12n19/v12n19a09.pdf>.
- Benjamin, W. (1996). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.

- Bleger, J. (1984). *Psicologia da conduta*. (E. de O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cerezer, C. & Outeiral, J. (2011). *Autoridade e Mal-Estar do Educador*. São Paulo: Zagodoni.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (Rio de Janeiro)*, (2)2, 6-7. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167
- Fonseca, F. F. Sena, R. K. R., Santos, R. L. A dos., Dias, O. V. & Costa, S. de M. (2013). As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Revista Paulista de Pediatria*, 31(2), 258-264. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>
- Fulgêncio, L. (2016). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni.
- Granato, T. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v25n1/02.pdf>.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia*, 33(1), 25-35. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n1/0103-166X-estpsi-33-01-00025.pdf>.
- Granato, T. M. M. Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 157-163 /2011. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122137018>.
- Granato, T. M. M., Russo, R. C. D. T. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). O uso de narrativas na pesquisa psicanalítica do imaginário de estudantes universitários sobre o cuidado materno. *Metodista*, 17(1), 43-48. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/download/1936/1945>.
- Hermann, F. (2007). A teoria dos campos: uma pequena história. *Jornal de Psicanálise (São Paulo)*, 40(73), 69-75. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n73/v40n73a04.pdf>.
- Leite, F. M., Pessoa, M. C. B., Santos, D. P. Rocha, G. F. & Alberto, M. F. P. (2016). O sentido da escola: Concepções de estudantes adolescentes. *Psicologia Educacional e Educacional*, 20(2), 339-348. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00339.pdf>.
- Moraes, C. A. J. & Granato, T. M. M. (2016). Tornando-se pai: uma revisão integrativa de literatura sobre a transição para a paternidade. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 21(4), 557-567. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/29871/pdf>.
- Olímpio, E. & Moreira, C. M. (2015). A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. *Psicologia em Revista*. 21(3), 498-512. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015v21n3p498>
- Pires, S. D., Sarmento, M. M. & Drummond, M. F. L. A. O. (2018). O adolescente em cumprimento de medida socioeducativa e sua inserção escolar. *Pesquisas e Práticas Psicossociais (São João del-Rei)* 13(3), 1-17. Recuperado em setembro, 8 de 2018, de http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3073.
- Wagner, L. C. & Vieira, V. E. M. (2017). A terceirização dos cuidados infantis: um fenômeno histórico. *Revista de Educação do Cogeime (Belo Horizonte)*, 26(51), 77-92. <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v26n51p77-92>.

- Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2012). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanetti, S. A. & Höfig, J. A. G. (2016). Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade. *Psicologia: Ciência e Profissão (Distrito Federal)*, 36 (3), 696-708. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001652014>.

4.2. ARTIGO 2

Título: Percepções dos professores de seus alunos adolescentes em situações de vulnerabilidades.

Autores

Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, Brasil.

thaylla@uol.com.br

Emanuele Ferreira da Silva

Psicóloga, Faculdades Einstein de Limeira – FIEL – Limeira/ São Paulo

mferreira.094@gmail.com

Lília D'Souza-LI

CIPED, Centro para Investigação em Pediatria, professora assistente doutora do Departamento de Pediatria, Faculdades de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Idesouza@globocom.com

Correspondência:

Tháyla K. C. Tavares Amaral

Rua Santa Terezinha, 432 Ap 141 Centro

Limeira-São Paulo CEP 13480-091

RESUMO

O objetivo deste estudo foi mapear como os professores se sentiam em relação a seu aluno adolescente que vivia em situações de vulnerabilidades seja pelas transformações experienciadas na etapa de adolescência, seja pelas condições e riscos a que estavam sujeitos no dia a dia, como por exemplo, uso de substâncias psicoativas, exposição à violência e ao tráfico. A pesquisa foi de cunho qualitativo, com uso da Narrativa Interativa, sendo um recurso lúdico e favorecedor da expressividade das emoções dos participantes. Participaram do estudo trinta professores de duas escolas públicas que trabalham com adolescentes de 11 a 18 anos. A análise foi realizada com base na Teoria Fundamentada nos Dados, na vertente Construtivista. A partir das análises, foram identificadas as seguintes categorias: “Professores querendo que o adolescente seja encontrado”; “Professores percebendo as vulnerabilidades e riscos a que o adolescente estava exposto”; “Professores culpando os pais pelos comportamentos e erros dos filhos”; “Professores percebendo o distanciamento entre pais e filhos”; e “Professores não estando disponíveis para ajudar o adolescente”. Todas as categorias secundárias estavam interligadas ao fenômeno central “Professores sentindo-se impotentes e frustrados” e puderam ser pensadas a partir do modo de os professores enxergarem e se sentirem em relação aos adolescentes. Apesar de conhecerem o que permeavam a adolescência, sentiam-se paralisados e impotentes diante das contextualizações que têm invadido o espaço escolar na atualidade, sem se apropriarem de que também podiam ser agentes de mudança.

Palavras chave: Professores; Adolescência; Contexto escolar; Vulnerabilidade e risco social.

ABSTRACT

The objective of this study was to understand how teachers felt about their adolescent students who lived in situations of vulnerability, either through the transformations experienced during adolescence or due to the conditions and risks to which they were subjected in everyday life. The research was qualitative, using Narrative Interactive, a playful resource and favoring the expressiveness of the participants' emotions. Thirty

teachers from two public schools working with adolescents aged 11 to 18 participated in the study. The analysis was based on the Data Based Theory, in the Constructivist part. From the analyzes, the following categories were identified: "Teachers wanting the adolescent to be found"; "Teachers perceiving the vulnerabilities and risks to which the adolescent is exposed"; "Teachers blaming parents for their children's behavior and mistakes"; "Teachers perceiving the distance between parents and children"; and "Teachers not being available to help the teenager." All secondary categories were linked to the central phenomenon "Teachers feeling impotent and frustrated " and could be thought from the way teachers see and feel in relation to adolescents, because although they knew what permeates adolescence, they felt paralyzed and impotent in the face of the contextualizations that have invaded the school space today without taking ownership that they could also be agents of change.

Keywords: Teachers; Adolescence; School context; Vulnerability and social risk.

INRODUÇÃO

A adolescência traz consigo muitos desafios e dificuldades as muitas famílias e escolas. Como instituições fundamentais para a construção e formação identitária do adolescente, influenciam e contribuem na forma com que os adolescentes estabelecem seus laços afetivos e enfrentam seus desafios diários.

O ambiente familiar e da escola são fundamentais para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem humana e, assim, podem inibir comportamentos de risco nos adolescentes quando exercem seus papéis de modo mais participativo e efetivo (1).

O papel dos professores na facilitação do aprendizado é inegável. Estudantes necessitam de autonomia, respeito, suporte e estímulo dos professores para se manterem motivados para o aprendizado (2). Quando o professor está em esgotamento e sem condições físicas e emocionais para dar o apoio a seus alunos, a motivação para o aprendizado é afetada (2), e neste cenário, o professor quer encontrar o culpado para a desmotivação de seus alunos. Adolescentes equivalentes a indivíduos passivos, infelizes e incapazes de fazer boas escolhas são concepções que perpassam no imaginário destes professores (3). Outras vezes, vê-se os professores culpando as famílias pelos comportamentos de seus filhos (4).

Vivemos um período de terceirização da infância e muitas famílias acabam por responsabilizar escolas e professores pela educação dos filhos, delegando ao professor funções parentais, como educação sexual e aprendizado dos limites. Os professores, por outro lado, diante da sobrecarga de trabalho, rotina desgastante, desvalorização da carreira e condições de trabalho sentem-se desestimulados ou isentam-se de seu compromisso (5).

Por entender a escola como um espaço integrante da educação e por perceber que as demandas que chegam até elas têm sido cada dia mais urgentes, como a violência ou questões relacionadas às SPA, os professores têm sido desafiados em suas condutas. Assim, pensar sua prática para enfrentar os desafios se faz necessário, e por este motivo, entender como os professores se sentiam diante de seus alunos adolescentes em situações de risco foi o objetivo desse trabalho.

MATERIAIS E MÉTODOS

Caracterização do Território

As duas escolas públicas estaduais onde a pesquisa foi realizada estão localizadas em áreas de vulnerabilidade social. A escola de período integral atende crianças e adolescentes de um assentamento próximo, onde o tráfico de entorpecentes se faz presente. Nessa região, às quintas e sextas-feiras, são realizadas pela equipe de saúde visitas domiciliares à população, PTS (Projeto Terapêutico Singular), arteterapia, reuniões de alinhamento da equipe do NASF (Núcleo de Apoio à saúde da Família), triagem psicológica, atendimento a servidores, palestras em saúde mental, dentre outros projetos.

No bairro onde está localizada a escola de período parcial (manhã e tarde) há um NASF que oferece atendimento multiprofissional à população, oferecendo atendimento psicológico, nutricional, fisioterápico, social e práticas integrativas.

Narrativa interativa

Para a coleta de dados optou-se pelas Narrativas Interativas, que se constitui em um instrumento utilizado como procedimento investigativo, de acesso à expressividade emocional, por meio da característica dialógica do encontro humano (6).

O narrar é tido como um convite para que a experiência possa ser (re)vivida, dando a oportunidade ao indivíduo de poder compor e recompor seus dramas diários, dando sentido à vida (7).

A NI constitui-se em uma história de ficção elaborada prévia e conjuntamente pela pesquisadora e seu grupo de pesquisa, visando o aprimoramento entre conteúdo, linguagem e estilo adequados ao objeto de estudo e ao contexto vivencial do participante. Como é usual na construção da NI, em um determinado momento a narrativa é interrompida para que os participantes possam elaborar um desfecho de modo espontâneo e livre (8). No caso deste estudo, participaram desse processo além da pesquisadora, a orientadora, a coorientadora e o grupo de pesquisa. Vale lembrar que toda NI passa por inúmeras versões até que haja o entendimento e concordância de que o formato considerado suficiente foi alcançado, em relação ao drama proposto e vivido.

A ideia de utilizar a NI como ferramenta de investigação visou privilegiar a aproximação e o diálogo no encontro entre pesquisador e participante, dando a este a oportunidade de se identificar com os personagens e os conflitos veiculados pela narrativa

(6,8). Com o intuito de compreender o que pensam os professores sobre os adolescentes e suas condutas, optou-se por um conflito do cotidiano do universo adolescente, que resultou na história de um jovem (apêndice 1) que saiu com os amigos e não retornou para casa no prazo estabelecido pelos pais.

Teoria Fundamentada nos Dados (TFD)

A análise de dados foi realizada com base na Teoria Fundamentada nos Dados, também conhecida como Grounded Theory, de caráter Construtivista. Trata-se de um método indutivo-dedutivo, que se propõe à construção de uma teoria guiada a partir de conceitos que emergem dos dados (9). Essa vertente compreende o pesquisador como parte integrante e dinâmico na construção do processo.

Procedimento

A aplicação da NI foi realizada de forma coletiva, com cada grupo de professores, nos horários de trabalho pedagógico semanal, tendo sido previamente combinada com a coordenação.

Antes de dar início à leitura, a pesquisadora distribuiu as NI a cada professor presente, para que estes pudessem acompanhar a leitura realizada pela pesquisadora. Posteriormente, os participantes foram convidados e convocados a completar a narrativa, por escrito, de modo espontâneo. Uma estudante do curso de psicologia ajudou na coleta do material, registrando por escrito toda a dinâmica realizada pelo grupo, sendo, também, responsável pela transcrição do comportamento e diálogo dos participantes. Após o encerramento, as NI foram recolhidas e mantidas em um envelope para preservar o anonimato dos professores.

Em seguida, o grupo foi convidado a participar de uma reflexão sobre a experiência vivenciada e compartilhada no encontro, em que sentimentos e emoções mobilizados pelo drama narrado pudessem ser externados, como qualquer outro assunto que quisessem discutir ali, em grupo. A pesquisadora, em uma postura de acolhimento e escuta atenta, possibilitou aos participantes um discurso o mais livre e contínuo possível, possibilitando um expressivo material narrativo cuja interpretação resultou em categorias. A pesquisadora utilizou nomes de pedras preciosas como forma de identificação dos participantes, mantendo suas identidades no anonimato.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Campinas (UNICAMP) e os participantes foram informados sobre os objetivos e métodos do estudo, assim como a forma com que se daria sua participação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

O presente trabalho contou com a participação de 30 professores, com idades que variavam entre 24 e 70 anos, sendo homens e mulheres, todos oriundos de duas escolas públicas estaduais de um município do interior paulista. Na escola A, que funcionava em período integral, participaram 13 professores que davam aula para adolescentes de 11 a 14 anos; na escola B participaram 17 professores que lecionavam para adolescentes de 11 a 18 anos, nos períodos matutino e vespertino.

A partir do material coletado, foram identificadas cinco categorias: 1) “Professores querendo que o adolescente seja encontrado”; 2) “Professores percebendo as vulnerabilidades e riscos a que o adolescente estava exposto”; 3) “Professores culpando os pais pelo comportamento e erros dos filhos”; 4) “Professores percebendo o distanciamento entre pais e filhos”; 5) “Professores não estando disponíveis para ajudar o adolescente”.

PROFESSORES QUERENDO QUE O ADOLESCENTE FOSSE ENCONTRADO

Na grande maioria das narrativas os professores descreveram a figura do pai como alguém que busca incessantemente pelo filho, demonstrando o empenho e mobilizando pessoas até encontra-lo.

“Vamos procurar os amigos do Gabriel que estavam na festa. Assim, o casal conseguiu o contato de alguns amigos do Gabriel, pois o professor havia dito alguns nomes da turma que andava com ele” (Professora Ágata, 31, Feminino).

“Antônio está procurando os colegas de Gabriel para verificar se alguém sabe dessa festa, o local onde aconteceu, ou outro dado qualquer” (Professora Jaspe, 49, Feminino)

A figura da mãe surgiu como uma pessoa mais instável que a figura paterna, evidenciando nervosismo e ansiedade com a demora do filho para chegar em casa. O pai foi percebido mais racional e equilibrado na busca de informações sobre o filho.

“Calma, Rosemeire! Eu ainda não descobri nada. Vamos procurar por mais algum tempo e depois nos encontraremos em casa. E assim foram, Antônio por um lado e Rosemeire por outro. Passados quase amanhã toda pai e mãe voltam para casa desolados. Ao chegarem em sua residência, tiveram uma enorme surpresa, Gabriel já estava lá. - Gabriel, Gabriel onde você esteve meu filho – indagou a mãe nervosa (Professora Espinela, 47, feminino).

PROFESSORES PERCEBENDO AS VULNERABILIDADES E RISCOS A QUE O ADOLESCENTE ESTAVA EXPOSTO

Devido ao fato de a adolescência ser uma fase de grandes descobertas e transformações emocionais, físicas e sociais, os professores conseguiram identificar vários elementos que fazem parte o universo de seus alunos. A busca por uma nova identidade, a tendência grupal e o desenvolvimento da sexualidade foram apenas alguns dos fatores que justificaram o comportamento do adolescente na narrativa. Os participantes, em todas as narrativas, descreveram preocupações com o adolescente quando este não cumpria o que havia sido previamente combinado com os pais.

“Qual foi a surpresa ao encontrar Gabriel aos beijos e abraços com uma bela garota. Adolescência, fase de grandes descobertas” (Professora Alexandrita, 53, Feminino).

“...Após uma longa conversa descobrimos que Gabriel está com uma namoradinha, e colocamos a importância de comunicar os pais sobre o que está acontecendo ou qualquer mudança nos combinados...” (Professor Rutilo, 42, Feminino).

Para os professores, o adolescente queria curtir com os amigos, e isso se deve a uma liberdade em demasia, a qual, posteriormente, costuma virar libertinagem.

“Conversando com alguns amigos de Gabriel, descobriu seu paradeiro. Ele tinha ido sim em uma festa, mas no final alguns moços o convidaram para ir até a república onde moravam e ali a festa continuou...” (Professora Tanzanita, 48, Feminino).

Assim como o desejo do adolescente em sentir-se pertencente e fazer parte de grupos, os professores também descreviam situações em que o adolescente se punha em risco pela falta de maturidade e irresponsabilidade manifestados nessa fase transitória.

“Antônio chega em casa com o filho que passou a noite bebendo com os amigos e fazendo arruaça pela cidade...” (Professora Axinite, 42, Feminino).

Os professores narraram os fatores que acreditavam contribuir para a exposição a riscos do adolescente, justificando que a violência e o uso de substâncias psicoativas contribuíam muito para a evasão escolar e o baixo rendimento pedagógico.

“Juntos decidiram “encostar Gabriel na parede” pressionando-o severamente a contar tudo o que andava fazendo, suas amizades, o porquê do seu rendimento ruim na escola. Conseguiram achar Gabriel num local onde havia tráfico de drogas, conhecido no bairro” (Professora Azurita, 36, Feminino).

Os participantes abordaram o fato de o adolescente já estar inserido em um contexto vulnerável, o que, segundo eles, aumentava a chance de imaginarem que a ausência do aluno pudesse estar associada a questões relacionadas às SPA. Fora desse contexto, pensariam diferente, diriam que a falta e a ausência eram situações corriqueiras de adolescente.

Em outras NI pudemos observar a falta de credibilidade que existia em relação ao adolescente.

“...pois nesse caso só ouvimos a fala do filho sem se preocuparem com as novas amizades, lembrando que eram novos no bairro, “essa dor de cabeça” sempre irá acompanhar os pais” (Professor Lápis Lazúli, 46, Feminino).

PROFESSORES NÃO ESTANDO DISPONÍVEIS PARA AJUDAR O ADOLESCENTE

De acordo com as NI e o discurso dos professores, eles preferiram nomear outras pessoas que julgaram mais habilitadas e com responsabilidade para lidar com o adolescente “problema”. Para eles, era muito desgastante buscar a aproximação ou tentar dialogar com os adolescentes. Os participantes percebiam o adolescente sempre pouco disponível para conversas, ao contato ou nada obedientes às regras e normas sugeridas por eles. Os professores sugeriram como alternativa o tratamento com profissionais de saúde, evidenciando ainda mais sua falta de disponibilidade em ajudar o seu aluno adolescente.

“...os pais se sentiram desapontados e quiseram explicar bem seriamente ao filho o porquê de serem tão ausentes, suas rotinas de trabalho para manter a casa e entraram em acordo e então, o levaram ao médico e psicólogo para iniciar um tratamento” (Professora Azurita, 36, Feminino).

A falta de conhecimento ou a baixa tolerância com o adolescente resultou em atitudes mais rígidas e duras nas narrativas por parte de quem o educava.

“Levaram o menino para casa e o alertaram que por um tempo ele não irá mais sair à noite e que vão acompanhar seu rendimento escolar mais de perto até ele retomar o bom desempenho. A mãe de Gabriel muito preocupada decidiu muda-lo de escola, para uma de ensino integral com curso técnico na área de informática, grande paixão do menino para que ele se mantenha ocupado com atividades que vão ajuda-lo” (Professora Ágata).

PROFESSORES CULPANDO OS PAIS PELOS COMPORTAMENTOS E ERROS DOS FILHOS

De modo geral, os professores culpabilizavam os pais, a ausência deles e a falta de tempo dos mesmos pelo comportamento inadequado e irresponsável apresentado pelo adolescente, além de responsabilizarem os pais por não se atentarem e não se preocuparem em supervisionar plenamente os passos do filho.

“A grande falha dos pais foi em não acompanhar o filho na escola, não saber quem são os novos colegas, ainda mais por estarem em um lugar novo...” (Professora Água Marinha, 58, Feminino).

“...que muitas vezes a comunicação é através de aplicativos de celular. Muitas vezes, não temos o tempo suficiente para conversar com nossos filhos e saber realmente o que está acontecendo em sua vida” (Professora Rubi, 50, Feminino).

“Ao chegarem, conversam longamente sobre o que poderia estar acontecendo; onde falharam, se foi liberdade sem “vigilância” e ambos chegam à conclusão de que Gabriel havia se tornado adolescente e eles não tinham reparado... Primeiro, o filho mesmo naquelas condições, estava vivo, e, segundo assumiram a responsabilidade pelo “abandono” na educação dele, tanto em casa como na vida escolar”. (Professora Jade, 70, Feminino).

PROFESSORES PERCEBENDO O DISTANCIAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS

Os professores abordaram em suas NI o distanciamento que percebem na relação entre pais e filhos adolescentes, o que costuma acontecer com a chegada da adolescência, em que o adolescente busca novas experimentações e laços afetivos, e começa a questionar os pais e seus valores.

Ao mesmo tempo em que os professores descreveram a necessidade de o adolescente ser supervisionado mais de perto, observaram que não há garantias de que não se envolvam em situações ilícitas.

“...Os pais resolveram ficar mais atentos em suas conversas no celular e acompanhá-lo na ida e retorno de seus passeios. Mesmo com isso, sabiam que não era garantia do filho não se envolver com más companhias e drogas, então o diálogo tornou-se mais frequente no lar dessa família” (Professora Safira, 36, Feminino).

“...ele me disse que bebeu além da conta e acabou dormindo no chão da festa. - Antônio, precisamos conversar, o Gabriel já não é o mesmo, conversei com um professor e ele estava mal na escola” (Professora Turquesa, 24, Feminino).

“O Gabriel é um bom garoto. Sempre se virou sozinho enquanto vocês estavam fora trabalhando. Ele está fazendo essas coisas para relaxar. Conversem com ele numa boa, que ele voltará a fazer as tarefas escolares e diminuirá a bebedeira. Ele está sentindo falta de vocês. Não façam um bicho de sete cabeças...” (Professora Ambar32, Feminino).

Para os professores, o distanciamento observado levava o adolescente a buscar por outras alternativas de compensação desta separação, dentre algumas, o uso e abuso das substâncias psicoativas. Ações como essa de fato podem se fazer presentes, expondo ainda mais o adolescente aos riscos e à violência.

“...Antônio esgotaram de falar com todos os colegas de Gabriel, mas não tiveram nenhuma informação de seu paradeiro. Seus novos amigos também estavam desesperados. Mas havia um amigo, chamado Ivan que lembra que viu Gabriel conversando com um pessoal desconhecido, e que vendiam drogas no bairro. A informação foi uma revelação para Rosemeire e Antônio que não queriam acreditar no que ocorreu. Gabriel foi localizado um mês depois, enterrado num terreno próximo. Ele foi mais uma vítima do tráfico de drogas”. (Professor Citrino, 48, Masculino).

Além disso, demonstraram ter a percepção de que o diálogo é uma alternativa para mudança e uma forma de permanecerem próximos ao adolescente e, assim, conseguirem se manter atentos aos seus movimentos e amizades.

“Os pais iniciam um longo diálogo com o jovem, sabendo que teriam um grande trabalho pela frente. Enquanto conversam com Gabriel, vão observando o quanto o menino cresceu, o quanto eles como os pais têm estado ausentes na vida do filho” (Professora Larimar, 62, Feminino).

DISCUSSÃO

A escola, nos últimos tempos, tem sido vista de modo ambivalente pela sociedade em geral. Por um lado, observa-se a importância do seu papel para o desenvolvimento humano; por outro, entende-se que ela tem desenvolvido seu trabalho de forma insatisfatória e precária.

O que pôde ser observado nessa pesquisa, com base na análise das NI, é que professores têm conhecimento do que se passa com seu aluno adolescente, entendem que há curiosidade e interesse sexual nessa etapa, que é nesta fase que se inicia a experimentação e uso de substâncias psicoativas e que a rebeldia se faz presente, assim como o desinteresse dos alunos pelo estudo e o aprendizado.

Entretanto, entender os desequilíbrios e instabilidades vividos pelos adolescentes não tem sido suficiente para que saibam lidar com as dificuldades e complexidades que esse processo impõe. O adolescente passa por um processo de enfrentamento para o qual não está totalmente preparado, e este, apesar de ser algo perturbador, é absolutamente necessário para que se estabeleça sua identidade, sendo este o maior objetivo dessa etapa de transição (11). Identificou-se como fenômeno central deste estudo: “professores sentindo-se impotentes e frustrados diante de seus alunos adolescentes”. As categorias secundárias estão interligadas ao fenômeno central e podem ser justificadas com base nas percepções manifestadas pelos professores a partir de suas NI e discussão em grupo (Figura 1).

Apesar dos professores, em suas narrativas, expressarem preocupação com os adolescentes, mantiveram-se distantes dos assuntos que ultrapassaram questões de aprendizado e de desempenho escolar. Estes permaneceram alheios a qualquer responsabilidade, culpabilizando apenas os pais pelo comportamento inadequado dos adolescentes, ao mesmo tempo em que não se colocaram disponíveis para ajudá-los em nenhuma circunstância. Ou seja, foram capazes de identificar os problemas inerentes à fase da adolescência, mas não se sentiram aptos o suficiente para se envolverem e se aproximarem, preferindo permanecer distantes, o que contribuiu para o aumento da

sensação de impotência e frustração diante das demandas que se apresentaram no contexto escolar.

A formação docente e a capacitação precárias dos profissionais da educação, assim como o engessamento teórico preso ao cumprimento de cronogramas, são fatores que contribuem para a “robotização” das relações (11), assim como o medo de ser agredido dentro e fora da escola, por exemplo.

A pouca disponibilidade do professor aumenta o distanciamento e a falta de diálogo entre professor e aluno, e quando existe qualquer relação entre eles, esta costuma ser tensa, excessivamente normatizada e pouco frutífera para ambos os lados (10), aumentando ainda mais os conflitos e deixando os adolescentes mais vulneráveis a riscos.

Algumas pesquisas abordam uma hipótese de que professores com *burnout* (stress ocupacional) estariam mais propensos a sofrer agressões físicas de seus alunos, em função do comportamento hostil e punitivo que os professores costumam apresentar em salas de aulas (12). Para Winnicott, caso o “gesto agressivo” da criança e/ou do adolescente não encontre um objeto (mãe, cuidador) capaz de contê-lo e dar o limite que ele solicita, essa agressividade pode se intensificar e se tornar destrutiva, consequência do sentimento de frustração não elaborado (13).

Assim, entender que o “limite” é um gesto necessário e imprescindível para evitar ou minimizar a violência ajuda a criança e o adolescente a integrarem a agressão ao seu desenvolvimento normal (13). Os professores, assim como os pais, são figuras de autoridade e de referência, e a escola deve ajudar o adolescente a ultrapassar esse processo de transição para a vida adulta. Enquanto isso, o jovem busca se reinserir de forma diferente de quando fora criança, pois agora a busca é por uma identidade pessoal e, para isso, inventa novas respostas e novos modos de lidar com o real, rompendo com um conhecimento para adotar outro (14).

Deste modo, os professores passam a ser alvos desses investimentos transferenciais primários, e na adolescência o comportamento de enfrentamento e transgressão costumam estar associados como meios de contestarem e criticarem os valores e imposições da sociedade como um todo (14).

O “limite” a que nos referimos anteriormente corresponde, fundamentalmente, ao “contato, presença e proteção” que deve ser dado ao adolescente, bem como a apresentação progressiva e evolutiva do “princípio da realidade”, por meio das frustrações necessárias e inevitáveis. O sujeito que não encontra no ambiente (casa, escola, sociedade) uma continência, acaba por experimentar uma vivência de desamparo, o que

pode, além de traumatizá-lo, fazer com que desista facilmente das suas ambições, ou até mesmo, agir de modo destrutivo para obter as satisfações de seus impulsos, dentre outras adaptações possíveis (13).

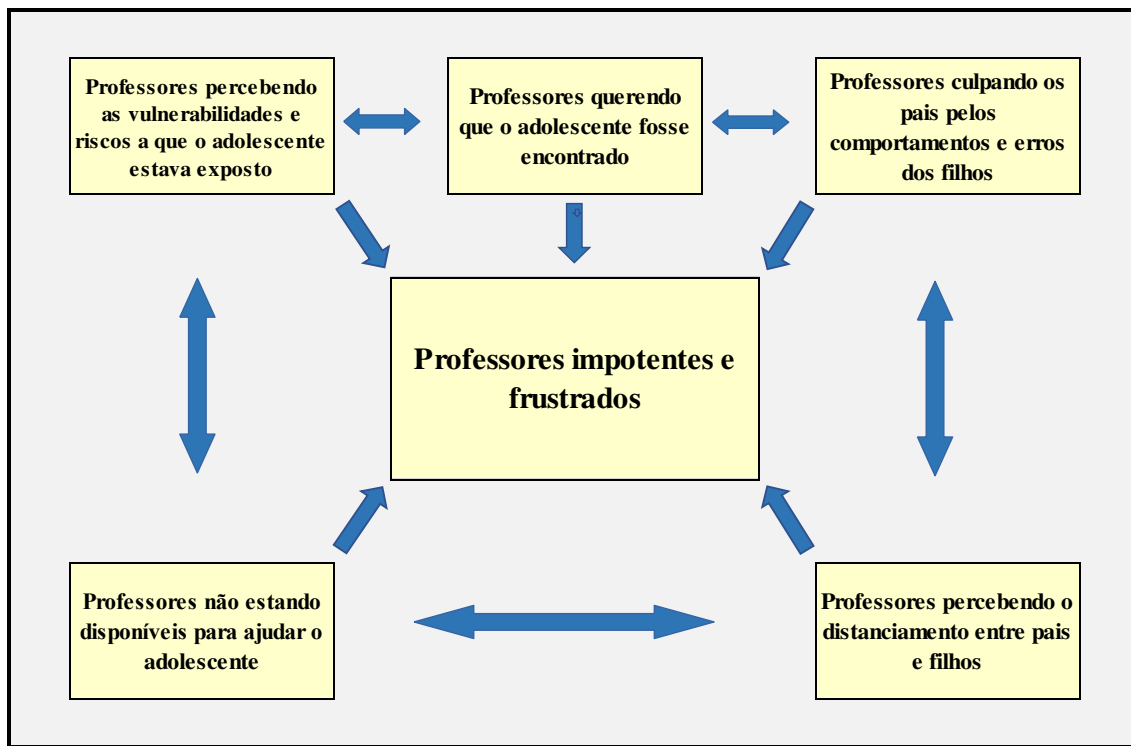


Figura 1: Diagrama de ligação do Fenômeno Central com as categorias secundárias e suas interligações elaborado pela autora da dissertação

Durante o processo de descobertas e experimentações, se o adolescente receber monitoramento parental e/ou quando os pais e responsáveis respondem às suas demandas com afeto, apoio, limite e compreensão, diminui-se a chance de uso de substâncias lícitas e ilícitas, pois o adolescente se sente aceito, seguro e valorizado (15).

Do contrário, pais autoritários, negligentes e indulgentes podem favorecer a aproximação com as substâncias lícitas ou ilícitas, assim como pais que fazem uso de substâncias e não mantêm um bom relacionamento com seu filho adolescente, o que pode desencadear a experimentação e o vício nessas substâncias (16).

CONCLUSÃO

Neste artigo concluímos que os professores se sentiam impotentes e frustrados diante do seu aluno adolescente e de toda demanda que o acompanhava. Apesar de terem o entendimento do que se passa na vida e contextos da adolescência, permaneceram

fragilizados, sem se apropriarem do fato de que também podiam ser agentes de mudança, acreditando que os instintos precisavam ser domesticados e o modelo educacional, normatizado.

Os novos contextos exigem novas habilidades por parte dos professores, as quais vão além de transmitir o que sabem. Assim, as práxis das suas práticas pedagógicas podem vir a ser o primeiro passo para lidar com um contexto em constante transformações.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Esta pesquisa foi financiada com recursos próprios

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

COLABORADORES

T. K. C. T. Amaral participou da concepção do estudo, coleta de dados, processamento, análise e interpretação dos dados, revisão da literatura e redação do artigo.

E. F. Silva participou da coleta do material e de sua transcrição.

L. D'SOUZA-LI participou da concepção do estudo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo e aprovação final da versão a ser publicada.

REFERÊNCIAS

- (1) Dessen MA, Polonia AC. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia*. 2007; 17(36):21-32.
- (2) Shen B, McCaughtry N, Martins J, Fahlman M. Effects of teacher autonomy support and students' autonomous motivation on learning in physical education. *Res Q Exerc Sport*. 2009; 80(1):44-53.

- (3) Montezi AV, Zia KP, Tachibana M, Aiello-Vaisberg TMJ. Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*. 2011; 16(2):299-305.
- (4) Shen B, M, McCaughtry, Martins J, Garn A, Kulik N, Fahlman M. The relationship between teacher burnout and student motivation. *Br J Educ Psychol*. 2015 Dec 85(4):519-32. doi: 10.1111/bjep.12089.
- (5) Cerezer C, Outeiral J. *Autoridade e Mal-estar do Educador*. 1 ed. São Paulo: Zagodoni; 2011.
- (6) Granato TMM, Corbett E, Aiello-Vaisberg TMJ. Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*. 2011; 16(1):157-163.
- (7) Benjamin W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lesvok. In: Benjamin W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense; 1936, p. 192-221.
- (8) Granato TMM, Aiello-Vaisberg TMJ. Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia*. 2016; 33(1):25-35.
- (9) Charmaz K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. 1 ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- (10) Villela FCB, Archangelo A. *Fundamentos da escola significativa*. Fundamentos da escola significativa 1. ed. São Paulo, Loyola; 2013.
- (11) Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1992.
- (12) Levy GCTM, Sobrinho FPN, Souza, CAA Síndrome de Burnout em professores da rede pública. *Produção*. 2009; 19(3):458-465.
- (13) Outeiral J, Cerezer C. Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. In: Outeiral J, Cerezer C. *O Mal-Estar na Escola*. Rio de Janeiro: Revinter; 2005, p 41-50.
- (14) Amaral TT, Almeida RCA. Subjetividade e aprendizagem: o professor da educação infantil como substituto das funções parentais. In: Silva MCR, Castanho MIS, editores. *Subjetividade e aprendizagem: contribuições da Psicanálise e da Psicologia histórico-cultural*. São Paulo: Editora Hogrefe; 2016, p. 87-110.
- (15) Olímpio E, Marcos CM, A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. *Psicologia em Revista*. 2015; 21(3):495-512. doi: 10.5752/P.1678-9523.2015v21n3p498

(16) Broecker CZ, Joi GID. Práticas educativas parentais: A percepção de adolescentes com e sem dependência química. *Psico-USF*. 2017; 12(2):269-279.

(17) Freiria MH. Relações parentais e prevenção ao uso de drogas: contribuições piagetianas. Marília; 2017.

5. DISCUSSÃO GERAL

A partir da discussão dos dois artigos resultantes desta pesquisa, foi possível observar alguns pontos relevantes e outros que ainda precisam ser melhor elucidados. Vale ressaltar que, apesar da dificuldade observada pelos professores em lidar com seus alunos adolescentes, demonstraram conhecer os assuntos que permeiam a fase da adolescência, como a manifestação e o interesse na sexualidade, a imaturidade e irresponsabilidade dos adolescentes, a necessidade de diferenciar-se em busca de sua identidade, a necessidade e busca por novos pares e grupos de pertencimento, o desejo de curtir e se divertir com os amigos, o uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas e as transgressões.

Entretanto, essas experiências não se dão de modo simples para o adolescente, pois o custo, muitas vezes, é alto. Ocorrem diante de contextos de rejeição e abandono (afetivo e físico) de pais que sofrem com a demanda cada vez maior de trabalho, o que dificulta o contato com os filhos. Com isso, o destino dos adolescentes acaba sendo a escola, para os que pertencem às classes mais favorecidas, ou a rua, para os menos favorecidos. Não obstante, há os novos modelos de família horizontais, que acabam por impedir que as crianças e os adolescentes construam referências que os auxiliem na constituição de suas identidades (26).

No entanto, houve professores que descreveram a adolescência como uma etapa perigosa e, por isso, em suas visões, pais e responsáveis deveriam ficar em alerta, pois as transgressões dos adolescentes eram perigo iminente, e estes precisavam ser controlados e punidos quando cometiam atos inadequados. Além disso, responsabilizaram os pais quando o adolescente se comportava mal, distanciando-se de qualquer responsabilidade como formador desse adolescente, quando, na verdade, para Alicia Fernandez (1992), citada por (27), o professor é condição *sine qua non* para a constituição da subjetividade do seu aluno, e os atos agressivos direcionados ao professor clamam por significados.

O professor precisa usar sua capacidade criativa para pensar sobre a situação quando esta se apresenta e buscar raciocinar sobre: “*a quem esse aluno agride, quando me agride?*”, mesmo que não consiga resolvê-la. O fato de poder pensar que não se trata de uma agressão direta para si, pode ajudá-lo a entender a quem estaria servindo de intermediário quando o aluno lhe transfere outras situações de sua vida; ou seja, entender o que é fruto de seu imaginário e o que é representação simbólica da sua relação com aluno (27). Mesmo porque, comportamentos transgressores e de rebeldia do aluno podem ser um pedido de socorro, na esperança deste de ter sua necessidade básica atendida (18).

Outro destaque foi o desejo descrito por parte dos professores de ter em sala o “aluno idealizado”, modelo de décadas atrás, caracterizado como aquele que frequentava a escola com a finalidade de para aprender, que cumpria com seus compromissos acadêmicos e seguia as regras impostas pelas escolas.

Desmistificar tais concepções se faz necessário para que o professor possa ter a oportunidade de se aproximar do aluno real, aquele que, muitas vezes, vai à escola com outras pendências como: ser alimentado, encontrar um ambiente continente na aplicação de suas regras ou com a necessidade de ser ouvido; pois a realidade de precariedade social à qual os alunos estão submetidos solicita que a escola dê continuidade nas funções familiares. Isso passou a ocorrer porque, para que os pais pudessem trabalhar, a escola precisou ampliar seu tempo e espaço para acolher as crianças desde muito cedo e por mais tempo, o que remete a uma transferência não somente dos cuidados primários, mas, também, na proteção dessa criança. Além disso, os direitos e deveres educativos que antes eram atribuídos especificamente às famílias, hoje são cada vez mais compartilhados com as instituições escolares, aumentando as exigências e as solicitações aos professores (28).

Contudo, os professores deste estudo se mostraram enfraquecidos e desorientados diante dessa sobrecarga, sendo um dos desafios que têm contribuído para que o local se torne um ambiente de hostilidade e agressividade para ambos, reafirmando, assim, o distanciamento. Apesar do reconhecimento, os professores não se sentiam aptos e nem se identificavam com o contexto presente, o que reforçava ainda mais o sentimento de frustração e impotência diante dos fatos e riscos aos quais esses professores estavam expostos.

Existem situações do cotidiano escolar em que a autoridade do professor tem sido questionada e que a escola cada vez mais tem “negociado” os limites que deveriam impor aos alunos e, desta forma, o professor tem perdido a sua autoridade enquanto modelo e detentor do saber com o qual os alunos deveriam se identificar (28).

O declínio da figura social paterna, alinhado às mudanças sociais constantes, reforçado pelo discurso científico e autorizado pelas mídias que ditam o que é certo e errado, têm contribuído para que muitos pais se sintam perdidos e em dúvida da sua capacidade para educar e da sua autoridade perante ao adolescente. Assim, muitos recorrem a médicos e psicólogos para compartilharem seus conflitos. Estas falhas se refletem no âmbito escolar, a partir das agressões aos professores e da apatia e desinteresse dos alunos pelo conhecimento, sintomas que demonstram o comprometimento do ensino e um distanciamento ainda maior na relação professor – aluno (28).

A escola, enquanto ambiente de proteção, formação e de socialização, precisa ser confiável na clareza e aplicabilidade de suas regras, assim como no contato com seus alunos, pois, mais do que o conteúdo, a comunicação e o diálogo permitem a manutenção da esperança e dos sonhos. A criação de um espaço e tempo para que os casos que mereçam maior atenção possam ser reconsiderados em conjunto e compartilhados com coordenação e demais professores, pode ajudar na organização do espaço escolar e no desenvolvimento do processo de subjetivação de seus alunos adolescentes.

De forma inconsciente, os participantes da pesquisa simbolizaram a descrença no atual sistema. Contudo, para que a ilusão e a possibilidade de criatividade se mantenham, precisa haver um olhar mais cuidadoso para os professores, fortalecendo-os para que não percam o desejo de transformar vidas a partir de seus ensinamentos. Para isso, precisam assumir uma postura crítica em relação à sua prática pedagógica, com o intuito de (re)pensar estratégias educacionais eficazes que, além de promover a formação continuada, possam recuperar o papel de educador e o espaço para o aprendizado (29).

Além desses pontos, os processos de interação social e de mediação são de fundamental importância para que haja sucesso no processo ensino-aprendizagem. Paulo Freire, em suas abordagens, ressaltava a importância do diálogo como instrumento imprescindível para a constituição do sujeito (28). Assim, quanto maior a promoção do diálogo em sala de aula, maiores os avanços obtidos com os alunos, pois, além de curiosos, se sentirão mobilizados para transformarem a realidade.

Quando o professor se der conta de que sua função vai além de transmitir saberes, sendo capaz de articular as experiências do cotidiano desse aluno às aulas, levando-o a refletir sobre o que está à sua volta, e assumir um papel mais humanizador (28) e próximo, será possível que esse aluno consiga ressignificar sua história e contexto social e ambos transformem as habilidades por outros posicionamentos a partir da intervenções concretas de existência.

6. CONCLUSÃO/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que essa pesquisa foi fundamental para termos maior clareza de como os professores percebem seus alunos que estão na fase da adolescência, além da contribuir para o processo de formação e atuação da pesquisadora, auxiliando-a na compreensão dos aspectos intersubjetivos presentes nos processos relacionais do âmbito escolar. A escuta psicológica, crítica e reflexiva sobre as vozes que ecoam nas instituições escolares, nas salas de aula, nos permitem fazer uma análise institucional em busca de novas ações que possam almejar a promoção de saúde e a diminuição da violência, da evasão escola e oxigenar as relações entre professores e alunos.

Neste trabalho, os professores demonstraram um bom entendimento das vulnerabilidades e riscos de seus alunos adolescentes e de que o diálogo e a supervisão se faziam necessários. Entretanto, além dos constantes desafios descritos pelos professores, ainda se observou um distanciamento entre estes e os estudantes. Os professores não conseguiram se enxergar como fatores protetores dos alunos, o que corroborou para que atribuíssem quaisquer responsabilidades somente aos pais e responsáveis do adolescente por seus erros e comportamentos inadequados; e nem como agentes formadores da personalidade de seus alunos.

A falta de diálogo, a forma mais autoritária e rígida de lidar com o adolescente resultara em um maior distanciamento e sentimento de impotência e insatisfação por parte dos professores. A partir desse estudo inicial, é possível darmos continuidade propondo ações e discussões sobre estratégias a fim de promover uma aproximação relacional entre eles e os alunos, prática esta que pode ser de suma importância não só para elevar o desempenho acadêmico, como também para diminuir o processo de evasão escolar. As residências do campo empírico apontaram para a defesa e a necessidade de investimento em um programa de Estado para a formação continuada dos professores, assim como projetos de formação humana, nos quais a escola, a família, os sujeitos se articulam com as dimensões do pensar, agir sentir e relacionar-se.

E por fim, entender que mais do que oferecer “serviços sociais”, dentre eles a educação, as ações públicas articuladas com as demandas da sociedade devem se voltar para a construção e defesa dos direitos sociais e humanos.

7. REFERÊNCIAS

- (1) Outeiral JO. *Adolescer*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter; 2008.
- (2) Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas; 1992.
- (3) Outeiral JO. *Clínica Psicanalítica de crianças e adolescentes: desenvolvimento, patologias e tratamento*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter; 1998.
- (4) *Adolescência e saúde 4: Construindo saberes, unindo forças, consolidando direitos*. Jesus NF, Junior MS, Moraes, SDTA (organizadores). São Paulo: Instituto de Saúde; 2018.
- (5) Silva AG, Rodrigues TCL, Gomes KV. Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. *Revista Psicologia Política*. 2015 [acesso em 02 de novembro de 2018]; 15(33):[19 p.]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200007&lng=pt&tlng=pt.
- (6) Winnicott D. *Tudo começa em casa*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- (7) Rosa CDR. *E o pai: uma abordagem winnietottiana*. 1ed. São Paulo: DWW editorial; 2014.
- (8) Oliveira DM. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação. *Psicologia em Revista*. 2010; 16(1):64-80.
- (9) Baptista MN, Teodoro, MLM. *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenções*. Porto Alegre: Artmed; 2012.
- (10) Maluf ACRFD. *Novas modalidades de família na pós-modernidade*. São Paulo: Atlas; 2010.
- (11) Boiko VAT, Zamberlan MAT. A perspectiva sócio construtivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. *Psicologia em estudo*. 2001; 6(1):51-8.
- (12) Domingues LC. *A família em desordem*; Roudinesco E. *Cadernos de saúde pública*. 2004; 20(4):1127-1132.
- (13) Schwartzman S, Castro CM. Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra. *Ensaio: aval. pol. públ.* 2013; 21(80):563-624.
- (14) Outeiral JO, Cerezer C. *Autoridade e mal-estar do educador*. 1ed. São Paulo: Editora Zagodoni; 2011.
- (15) Oliveira CBE, Marinho-Araújo CM. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol.* 2010; 27(1):99-108.

- (16) Teixeira G. Manual antigrogas: guia preventivo para pais e professores. Rio de janeiro: Editora Best Seller; 2014.
- (17) Silva MCR, Castanho MIS (organizadoras). Subjetividade e aprendizagem: contribuições da psicanálise e da psicologia histórico-cultura. 1ed. São Paulo: Hogrefe; 2016.
- (18) Baccara S. Pai, aproxima de mim esse cálice: significações de juízes e promotores sobre a função paterna no contexto da justiça. Curitiba: Maresfield Gardens; 2014.
19. Winnicott W. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
- (20) Granato TMM, Corbett E, Aiello-Vaisberg TMJ. Narrativa Interativa e Psicanálise. Psicologia em Estudo. 2011; 16(1):157-163.
- (21) Hermann F, A teoria dos campos: uma pequena história. Jornal de Psicanálise. 2007; 40 (73): 69-75.
- (22). Santos JLG, Erdmann AL, Sousa FGM, Lanzoni GMM, Melo ALSF, Leite JL. Perspectivas metodológicas para o uso da teoria fundamentada nos dados na pesquisa de enfermagem e saúde. Esc Anna Nery. 2016; 20(3):1-8.
- (23) Stake RE. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. 1 ed. São Paulo: Editora Penso; 2011.
- (24) Granato TMM, Russo RCDT, Aiello-Vaisberg TMJ. O uso de narrativas na pesquisa psicanalítica do imaginário de estudantes universitários sobre o cuidado materno. Metodista. 2009; 17(1):43-8.
- (25) Charmaz K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. 1ed. Porto Alegre: Artmed Porto Alegre; 2009.
- (26) Araújo, SMB. Pai, afasta de mim esse cálice: significações de juízes e promotores sobre a função paterna no contexto da justiça. 1 ed. Curitiba: Maresfield Gardens; 2014.
- (27) Outeiral J, Cerezer C. Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. In: Outeiral J, Cerezer C. O Mal-Estar na Escola. Rio de Janeiro: Revinter; 2005, p 41-50.
- (28) Costa, RPB, Lima, MCP, Pinheiro, CVQ. Os impasses da educação na adolescência contemporânea. Bol. psicol. 2010 [acesso em 10 de novembro de 2018]; 60(132):[10 p.]. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000100009&lng=pt&nrm=iso.

(29) Lopes RCS. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. Dia a dia educação [internet]. Paraná, 28p. Disponível em

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>.

ANEXOS

Anexo 1

 CEPUNICAMP COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP	COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS	 Plataforma Brasil
---	---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vamos cuidar de nossos adolescentes.

Pesquisador: Lília Freire Rodrigues de Souza Li

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 57821816.8.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.850.337

Apresentação do Projeto:

A adolescência é uma etapa crucial da vida, com profundas mudanças físicas, emocionais, comportamentais e sociais. As mudanças biológicas levam o indivíduo a procurar novos padrões de comportamento e uma nova identidade para o corpo em transformação. Estas mudanças estão intimamente relacionadas a fatores socioeconômicos e às normas e valores culturais e resulta em busca por uma nova identidade e novas interações nas relações do adolescente com sua família e amigos. De acordo com a teoria do curso de vida, experiências vividas pelos pais também impactam na saúde e bem estar de um indivíduo¹. A morbidade e mortalidade são o resultado de dois modelos longitudinais que resultam em repercussões para toda a vida e predispõe o indivíduo a doenças crônicas na vida adulta: reprogramação precoce e suas trajetórias acumuladas até aquele momento². Exposição a ambientes ou agentes nocivos em períodos críticos intrauterino e nos primeiros meses de vida resulta em uma reprogramação de sistemas vitais no organismo associado à sobrevivência tais como o sistema imune, sistema metabólico, crescimento e eixo relacionado ao estresse³. A adolescência é um momento crítico da vida do ser humano e está associado a grande vulnerabilidade e risco. Possíveis trajetórias estão intimamente relacionadas com as vivências e aprendizados ocorridos na infância. Estresse e traumas durante a infância vão repercutir na saúde física, mental e social do indivíduo adulto. No Brasil, segundo o último censo do IBGE, 2010, há 34.157.631 adolescentes entre 10-19 anos, dos quais 50,4%

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126			
Bairro: Barão Geraldo		CEP: 13.063-887	
UF: SP	Município: CAMPINAS		
Telefone: (19)3521-8938	Fax: (19)3521-7187	E-mail: cep@fcm.unicamp.br	



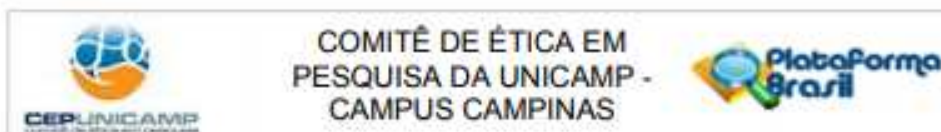
**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS**



Continuação do Parecer: 1.858.337

homens e 49,5% mulheres, destes 17.166.761 entre 10 e 14 anos e 16.990.870 entre 15-19 anos⁴. A população adolescente corresponde a 18% da população nacional. Assim, trata-se de um grupo com grande expressividade populacional. Ações integradas na adolescência que buscam acompanhar continuamente o cidadão, dando suporte não apenas à sua saúde física mas também à saúde mental e social, permitindo o crescimento pleno de seu potencial para o desenvolvimento de sonhos, de elaboração de propostas e de pensar mudanças, são fundamentais para a melhora da sociedade. Investir e proteger a criança e o adolescente de riscos é imprescindível para um futuro melhor para nosso país. Adolescente e o uso de drogas Na adolescência a impulsividade, curiosidade, necessidade de explorar o mundo, expressar a independência, vivenciar novas emoções, melhorar a criatividade e fugir de sensações desagradáveis levam o indivíduo à experimentação de substâncias psicoativas. Sabe-se que o cérebro só termina de se desenvolver por volta dos 25 anos⁵. A última área a se desenvolver é o córtex préfrontal que é responsável pelo controle da impulsividade. Portanto durante a adolescência regiões relacionadas a emoção e gratificação são pouco suprimidas e não há uma boa elaboração do entendimento das consequências de seus atos, por isso adolescência está associada a altas taxas de condutas propensas a acidentes incluindo acidentes de trânsito, homicídio e suicídio⁶. Prevalência do uso substâncias psicoativas O álcool é a droga mais consumida no mundo. Estima-se que 2 bilhões de pessoas consomem bebida alcoólica, e é responsável por 3,2% das mortes e 4% de todos os anos perdidos de vida útil. A bebida alcoólica é também a droga mais consumida no mundo por adolescentes. Apesar de ser proibida a sua venda para menores de 18 anos em nosso país, há pouco empecilho para que eles comprem e consumam álcool. Estudos mostram que quanto mais cedo for o início de seu uso, maior a chance deste uso ser problemático na vida. Experimentação de bebida alcoólica abaixo de 13 anos aumenta o risco de uso problemático em 50%. Este risco reduz progressivamente com a idade e atinge 10% após os 21 anos. Dados da PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) 2012 entre 109 mil estudantes da 9ª ano do turno diurno de escolas públicas e privadas do Brasil mostraram que 7,3% destes estudantes já experimentaram drogas ilícitas sendo que 40% iniciaram consumo aos 13 anos de idade. A prevalência de tabagismo e de álcool foram respectivamente de 2,8% e 11,4% aos 13 anos aumentando para 9,7% e 37,5% aos 16 anos⁷. Dados do I Levantamento domiciliar sobre uso de álcool no Brasil, 2007 mostraram que os adolescentes começam a beber por volta dos 13,9 anos e com 14,6 anos já bebem frequentemente, com 24% dos adolescentes já relatam beberem pelo menos 1 vez ao mês e 13% deles apresentando padrão intenso de consumo. Entre os que bebem raramente (menos de uma vez por mês), ocasionalmente (1-3x/mês), frequentemente (1-4x/semana) e muito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7167 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.850.337

frequentemente (todos os dias) estão 34% dos adolescentes ao passo que 64% das meninas e 68% dos meninos entre 14-17 anos são abstinentes (nunca beberam ou bebem menos do que 1x/ano)⁸. Houve aumento significativo de indivíduos que bebem de forma nociva em binge, isto é, grande quantidade (4 unidade de álcool para mulher e 5 para homens em um período de 2 horas foi relatado por 21% dos meninos e 12% das meninas, sendo que 45% deles fazem isso pelo menos 1 ou mais vezes por mês. O II Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil – 2005 mostrou que na região sudeste, 55,5% dos meninos e 60,4% das meninas entre 12 e 17 anos referiam uso de álcool na vida, dados estes mais altos do que estudos anteriores de 2001⁹. Jovens que consomem álcool em grande quantidade/frequência têm 2 a 6x mais probabilidade de ter consumido maconha do que a população geral e 2 a 9x mais chance de ter consumido cocaína durante o ano anterior. As ações do álcool nas vias da dopamina, somada à inibição da função do receptor de glutamato, produzem uma euforia inicial que é identificada como um dos mais importantes facilitadores ("gatilhos") para o uso de SPA, particularmente a cocaína, com redução na percepção de risco e tomada de decisão. Quanto a outras drogas, o II Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil – 2005 mostrou que o uso de tabaco apresentou resultados contrários de acordo com o sexo, com aumento do uso em meninos (de 13,9% em 2001 para 14,9% em 2005) e redução de uso nas meninas (de 19,7% em 2001 para 12,2% em 2005) com aumento da prevalência de dependência a tabaco nos meninos (1,5% para 3,5%) e discreta redução nas meninas (2,7% para 2,4%). Além disso, a percepção da população sobre ser muito fácil conseguir drogas ilícitas foi maior na faixa etária entre 18-24 anos, mas até 57% dos adolescentes entre 12 e 17 anos achavam fácil conseguir maconha⁹. Consequências do uso abusivo de SPAs consequências do uso abusivo de álcool e outras SPA na adolescência são muito variadas incluindo má performance escolar, problemas sociais, prática de sexo sem proteção e/ou sem consentimento, maior risco de suicídio, homicídio e acidentes relacionados ao consumo¹⁰. Transtorno grave e uso nocivo de álcool é a segunda classe diagnóstica mais frequente em pacientes que cometeram suicídio pois este aumenta a impulsividade e a letalidade de várias tentativas, como as com psicofármacos, e 40 a 60% daqueles que morrem por suicídio estavam intoxicados no momento da morte. A proporção de homens que relatam terem se envolvido em alguma briga com agressão física no último ano aumenta exponencialmente quando considerados fatores de risco, como uso de álcool, idade e consumo de substâncias ilícitas. Esta frequência sobe para mais de 60% quando analisamos a população que apresenta todas essas características⁹. Sabe-se que o uso de álcool e drogas está associado a violência, não apenas nas ruas mas também em casa. As violências física e sexual na infância estão associadas a problemas

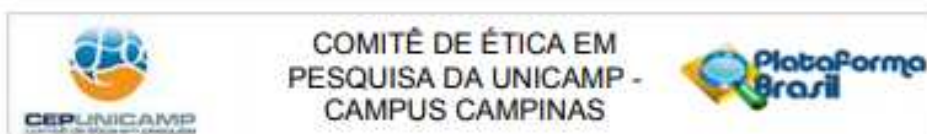
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7157 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Pícaro: 1.850.337

psiquiátricos e maior risco das vítimas se tornarem usuárias problemáticas de álcool e drogas na vida adulta. O II levantamento sobre uso de álcool identificou que 2 em cada 10 brasileiros sofreram algum tipo de violência física na infância, sendo que em 20% dos casos a vítima relatou que o abusador tinha ingerido algum tipo de bebida alcoólica nesta situação; 6% referiram terem sofrido abuso físico pelo seu parceiro(a) no último ano, com consumo de álcool em metade dos casos¹¹. Além disso, há uma relação entre depressão e abuso de álcool, chegando a 41% entre os bebedores problemáticos, bem acima da prevalência na população (25%). Fatores associados ao uso de substâncias psicoativasO uso de substâncias é um resultado de interações entre o indivíduo, a substância e o ambiente¹². Segundo a teoria de desenvolvimento ecológico de Bronfenbrenner, não apenas fatores individuais mas também fatores ambientais, contexto social e cultural afetam a saúde do indivíduo¹³. Entre os fatores de risco ou determinantes sociais da saúde que contribuem para o uso de drogas estão:1. A presença da droga na rotina da vida comunidade constitui um fator de risco essencial. A composição e a natureza da substância podem influenciar o uso.2. Causas relacionadas com o desenvolvimento do adolescente e neurobiologia - desenvolvimento físico e psicológico, incluindo busca de uma nova identidade pessoal, curiosidade, imaturidade das regiões responsáveis para controle de impulsividade, busca de prazer e sensações. As transições sociais neste período levam adolescentes a desconsiderar a orientação dos pais, e valorizar os amigos pois nesta fase todos querem pertencer a um grupo e eles ficam mais propensos a pressão dos pares.3. Família - Baixa renda, falta de supervisão dos pais, a falta de diálogo e mentores.4. Escola- falta de engajamento dos alunos e administração, presença de bullying.5. Comunidade - falta de infraestrutura, o baixo acesso aos serviços, presença de violência e tráfico de drogas no bairro. No Brasil, 51% da morte de adolescentes e jovens estão relacionadas ao tráfico (56% do sexo masculino e 30% do sexo feminino) 146. Cultural e políticas - as normas culturais e atitudes em relação ao uso de substância, a falta de investimento em infraestrutura implementação de políticas. Portanto, não apenas o risco individual, mas também todos os fatores sociais, ambientais que são modulados por fatores culturais, religiosos e comunitários e circunstâncias familiares diárias tais como qualidade das relações familiares, de amigos, de sua casa, disponibilidade de alimentação, lazer e educação definem a exposição dos indivíduos a riscos e vulnerabilidade a fatores que comprometem a saúde 15. Figura 1. Fatores individuais, familiares e ambientais associados a uso de substâncias psicoativas na adolescênciaMarco Legal sobre Drogas A Comunidade Internacional, por meio da Organização das Nações Unidas (ONU), orienta a política dos países em relação à questão das drogas¹². A ONU possui três convenções sobre o tema das drogas: A Convenção Única sobre

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@cem.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.890.337

Entorpecentes de 1961; A Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 e a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas, de 1988. Em todas estas Convenções se reconhece a dependência das drogas como um problema de saúde pública e social. Desde a Década de 1970, alguns países da Europa experimentam políticas de redução de danos. Ao longo da história, os países retiraram o foco da repressão e passaram a considerar a dependência de drogas como algo que exige a inclusão de amplos aspectos como familiares e sociais¹⁶. O Brasil adotou inúmeras medidas visando a redução do consumo de substâncias psicoativas e políticas de atenção integral ao usuário. Desde a década de 1990, foram adotadas algumas medidas para controle do tabagismo, sendo que em 2005 foi signatário do primeiro Tratado Internacional que abordou o controle do tabagismo. Em 2001, na III Conferência Nacional de Saúde Mental, aprovou a construção de uma rede de atenção para os usuários de álcool e outras drogas e a Lei 10.216/2001 que garante a atenção aos usuários de álcool e outras drogas na rede de saúde mental. Em 2002 e 2003 foram publicados o "Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada aos usuários de álcool e outras drogas" e a "Política para atenção integral a usuário de álcool e outras drogas"¹⁷. Esta política definiu as normas e diretrizes de uma rede integral ao usuário de álcool e outras drogas, compostas por Unidade Básica de Saúde vinculadas ao Programa Saúde da Família e Centros de Atenção Psicossocial álcool/drogas (CAPS ad). A Lei 11.343/2006 estabeleceu como um de seus princípios nas atividades de atenção e de reinserção social de usuários e de dependentes, a redução de riscos e de danos sociais e à saúde, como um instrumento de orientação para a definição de projetos terapêuticos individualizados. O Decreto 6.117/2007 institui a Política Nacional sobre o Álcool. O Decreto 7.179/2010 e o Decreto 7.637/2011 instituíram o Plano de Enfrentamento ao crack. A Portaria 3.088/2011 instituiu a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Em 2011, foi lançado o Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (2011-2022), que possui como meta reduzir a prevalência do tabagismo e do álcool no Brasil. A "Política para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas" possui como estratégia a descentralização da gestão pelos níveis estaduais e municipais, juntamente com os conselhos locais, sendo constituída através da Rede de Atenção Psicossocial composta por: Unidade Básica de Saúde (equipe de atenção básica para populações específicas - consultório de Rua, equipe de apoio aos serviços do componente Atenção Residencial de Caráter Transitório e Centros de Convivência), Atenção Psicossocial Especializada (Centros de Atenção Psicossocial CAPS, SAMU, sala de estabilização, UPA 24 horas), Atenção residencial de caráter transitório.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



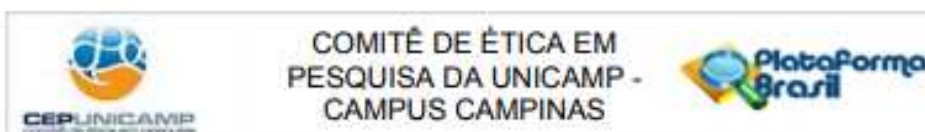
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 1.890.337

(Unidade de Recolhimento e Serviços de Atenção em Regime Residencial), Atenção Hospitalar (enfermaria especializada em Hospital Geral, serviço Hospitalar de Referência para Atenção às pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas), Estratégias de desinstitucionalização (Serviços Residenciais Terapêuticos) e Reabilitação psicossocial. A assistência ao usuário de álcool e drogas é ofertada nos Centros de Atenção Psicossocial para álcool e drogas (CAPS AD) com atendimento ambulatorial diário, em regime de tratamento intensivo, semi-intensivo e não intensivo e com equipe técnica mínima exigida pelo Ministério da Saúde. O município de Campinas, na região norte no bairro Jofa, possui o CAPS III Norte Estação, com atendimento 24 horas, tendo como público alvo usuários com transtorno mental grave com idade superior a 14 anos. O município de Campinas possui três CAPS AD: O CAPS II AD Noroeste Antonio Orlando, situado no bairro Jardim Lisa, com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira para usuários com idade superior a 14 anos; o CAPS III AD Sul Independência, situado no bairro São Bernardo, com atendimento 24 horas para usuários com idade superior a 14 anos e o CAPS III AD Reviver, situado no Parque Taquaral, com atendimento 24 horas para pessoas acima de 18 anos de idade. O município também possui como unidade de Referência dois CAPS: O CAPS I Espaço Criativo, situado no bairro Jardim Novo Campos Eliseos, com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira para crianças e adolescentes com transtornos mentais graves fazem uso de álcool e outras drogas e o CAPS Carretel, situado Jardim Nossa Senhora Auxiliadora, com horário de funcionamento de segunda a sexta-feira. A população da região norte possui os serviços supracitados para atendimentos de saúde, tendo em vista que estes atendem sem agendamentos. Contudo, a distância é um fator de grande preocupação, pois o fornecimento de passe de ônibus só é disponibilizado após ser analisado pela equipe de saúde dos CAPS, contrariando o princípio do SUS do direito universal do acesso. Foi ampliado a rede de atendimento do CAPS AD, porém este não está articulado com a estratégia de saúde da família e não possui ações territoriais, sendo que a população não o vê como referência. Uma outra questão, são que os profissionais não estão capacitados para desenvolverem trabalho multidisciplinar e intersetorial com outras políticas públicas, nem mesmo possui capacitação continuada no âmbito municipal. O governo federal criou o curso SUPERA, incentivando a educação permanente por meio de curso a distância, mas é necessário capacitações continuadas para toda a equipe dos serviços de saúde, educação e assistência social, visto que estes são agentes de prevenção. Proteção Social no Brasil Na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (ECA), o Estado Brasileiro define que criança e adolescente são sujeitos de direitos e que estes, como grupo prioritário, devem possuir

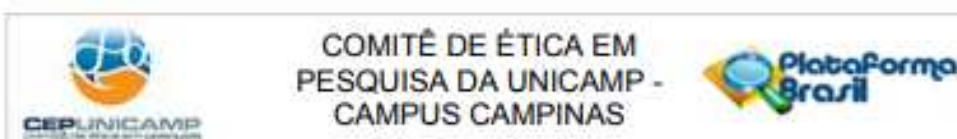
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.850.337

a proteção integral para seu pleno desenvolvimento garantido pelo Estado¹⁸. Contudo, na realidade brasileira está posto o desafio histórico de consolidar um sistema de proteção social universal de atenção à saúde. O Sistema Único de Saúde (SUS) tem características essenciais garantidos na Constituição Federal de 1988 e na Lei 8.080/1990, tais como a universalização do acesso sem discriminação, a concepção de saúde como dever do Estado, a integralidade, a equidade, uma rede hierarquizada e regionalizada, a descentralização dos processos decisórios e a participação da comunidade em seus níveis administrativos¹⁹. Após a Constituição Federal de 1988, a saúde se vê desafiada a ir além das conotações biomédicas para incluir os determinantes sociais como a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, transporte, lazer, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física e o acesso aos bens e serviços essenciais. Os determinantes sociais incluem as condições mais gerais: socioeconômicas, culturais e ambientais. Não temos uma Política de Estado que amenize a carência dos serviços essenciais de ações comunitárias, como saúde, educação, habitação e segurança pública nas regiões menos favorecidas. Desta forma, o projeto de intervenção comunitária busca capacitar profissionais de saúde para avaliação de risco e intervenção breve, informar aos sobre os equipamentos de saúde disponíveis na rede básica, bem como criar atividades na escola e comunidade para reduzir os fatores de risco e ampliar os fatores de proteção. Hipótese: A exposição e o contato cada vez mais precoce das crianças e dos adolescentes com as drogas tem trazido perdas e dificuldades muito significativas, seja na esfera do desenvolvimento do indivíduo, seja no processo de aprendizagem e/ou nas suas relações interpessoais. Nós hipotetizamos que há uma associação entre exposição a violência e a experiências adversas na infância e depressão e uso de drogas. Com a implementação de um programa comunitário incluindo currículo de prevenção ao uso de drogas na escola, abordagem diretamente na comunidade e capacitação de profissionais de saúde esperamos que ocorra uma maior compreensão dos danos que a droga causa à saúde, propiciando melhor diálogo, resolução de conflitos e criação de resiliência dos adolescentes que poderá adiar e, em muitos casos, impedir o consumo de drogas, como também favorecer um ambiente menos hostil e violento entre aqueles que convivem na comunidade. Metodologia Proposta: Definição e Delimitação do objeto de estudo Trata-se de um estudo experimental, longitudinal, comunitário e preventivo para adolescentes de 10 a 19 anos. Entre fator de risco e/ou determinantes sociais da saúde que serão alvo de intervenção incluem abordagens individuais, familiares, na escola e na comunidade. Abordagens individuais Entre abordagem individual precisamos dar informações sobre o risco do uso de drogas. Sabemos que educação por pares é muito eficaz neste grupo etário e é importante para atingir os jovens no processo

Endereço: Rua Tassila Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



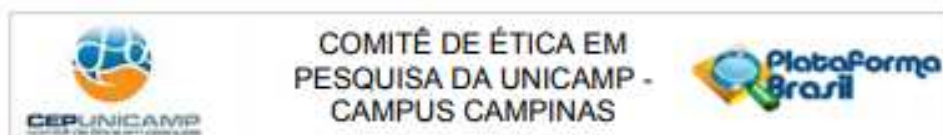
Continuação do Parecer: 1.850.337

como um receptor e como fornecedores da informação. Construção de competências sociais e pessoais cognitivas para melhorar a autoconsciência, interações sociais e habilidades interpessoais. Motivar os jovens a resistir à pressão externa, ensinar-lhes habilidades, tais como a tomada de decisões, resolução de problemas e definição de objetivos na vida. Melhorar o desempenho profissional relacionados e competências para a vida podem aumentar as oportunidades de trabalho para os jovens. Este trabalho será realizado na escola, na UBS e no centro comunitário. Abordagens ambientais Atividades alternativas e grupo de jovens - para fornecer o engajamento da juventude na comunidade, em um ambiente seguro fortalecer os fatores de proteção e de ligação social. Vínculos - criar e proteger os vínculos positivos com os pais, colegas, profissionais de saúde e professores. Recursos - identificar os recursos comunitários disponíveis, tais como serviços sociais, educação e serviços de saúde. Orientar serviços para os jovens - fornecer um ambiente amigável juventude com intervenção sobre o uso de drogas em escolas, centros comunitários e centros de saúde de cuidados primários. Capacitar profissionais de saúde para avaliação de risco do uso de substâncias, diagnóstico e intervenção breve para a prevenção primária e secundária e encaminhamento adequado ao tratamento dos adolescentes e jovens com transtornos de uso de substâncias. Família - Reforçar a comunicação entre pais e filhos através da formação de competências familiares, grupos de apoio aos pais, grupos de pais e aconselhamento familiar. Comunidade - envolvimento de todos os setores da comunidade, incluindo associações, escolas, famílias, locais de trabalho, igrejas, empresas locais e entidades governamentais. Envolver a comunidade local na tomada de decisões para melhorias no bairro incluindo definição de prioridades, planejamento de atividades e projetos de execução. Instrumentos de avaliação Avaliação de estratificação de risco de adolescentes em uso SPA usando CRAFFT Rutgers Alcohol Problem Index (RAPI) Patient Health Questionnaire (PHQ-9) Questionário da História de Adversidade na Infância (ACE) Questionário sobre qualidade de vida (WHOQOL-brief) Short Alcohol and Alcohol Problems Perception Questionnaire (SAAPPQ) Capacitação dos profissionais de saúde do Centro de Saúde Dr. Cássio Menezes Raposo do Amaral Capacitação de professores para criação e implantação de currículo de prevenção de uso de drogas na escola Capacitação de alunos multiplicadores para disseminação de prevenção de uso de drogas na escola

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Desenvolver um programa de intervenção comunitária para prevenção de uso de substâncias psicoativas na adolescência. Objetivo Secundário: 1) Melhorar acesso a serviço de atenção primária de qualidade 2) Melhorar qualidade de atendimento de adolescentes na

Endereço: Rua Tassila Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.053-867
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8036 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@etm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.850.337

atenção primária.3) Fortalecer e capacitar os profissionais de saúde.4) Fortalecer comunidades mais inclusivas, saudáveis e justas.5) Fortalecer projeto de prevenção de violência e drogas na escola.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo informações da pesquisadora: Riscos: O estudo não traz consequências prejudiciais físicas e/ou biológica previsíveis para as pessoas envolvidas, bem como não há aspectos legais, políticos e de biossegurança que possam impedir a realização deste. Para responder os questionários levará cerca de 15 a 30 minutos e caso o participante se sinta constrangido em responder alguma pergunta pode se negar a respondê-la. Benefícios: A pesquisa não trará benefício pessoal aos participantes, entretanto, mostrará um mapeamento da saúde básica permitindo que a intervenção seja mais direcionada e a prevenção mais efetiva bem como capacitação dos profissionais da rede e professores com consequente melhora da atenção e a promoção de saúde. Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão publicados em revistas e jornais importantes da comunidade científica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa intitulado "Vamos cuidar de nossos adolescentes" (foi alterado o título da pesquisa), cuja pesquisadora responsável é Lilia Freire Rodrigues de Souza Li, com a colaboração das pesquisadoras: Caroline Tomazela, EMANUELE FERREIRA DA SILVA, Elizete A. P. P. de Andrade, Gabriela Nogueira Pavan, MARIELLE CRISTINA RIBEIRO DE CARVALHO, RENATA E. F. ALMEIDA MARQUES e Thayla Kayty Cardoso Tavares Amaral. A pesquisa foi enquadrada na Área Temática Ciências da Saúde e a instituição proponente é a FCM/UNICAMP. Segundo as Informações Básicas do Projeto a pesquisa tem orçamento próprio estimado em R\$ 1.500,00 (Um mil e quinhentos reais) e o cronograma readequado contempla: Aplicação de instrumentos de avaliação: 01/02/2017 a 31/03/2017; Narrativas, grupos focais e motivacionais com professores: 28/11/2016. Serão abordadas 2.000 pessoas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou: Folha de Rosto datada e assinada pela mesma e pelo Diretor da FCM/UNICAMP, Projeto da PB, Projeto detalhado, TCLE para profissionais da saúde, TCLE para professores, TCLE para os pais dos adolescentes, TCLE para adultos da comunidade, Termo de Assentimento para menores de 18 anos, Carta de Autorização assinada pelo Secretário Municipal de Saúde, Carta de Autorização da Coordenadora Pedagógica da escola onde será realizada a

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

 CEP UNICAMP Conselho de Ética em Pesquisa	COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS	
Continuação do Formulário: 1.850.337		

pesquisa, Carta de Autorização do Presidente da Associação dos Moradores de Bairro, questionários da pesquisa e Cartas de resposta ao CEP.

Recomendações:

- 1-Lembramos que o TCLE deve ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador (resolução 466/2012).
- 2-Se o TCLE tiver mais de uma página, o sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas desse documento, apondo suas assinaturas na última página do referido termo (Carta Circular nº 003/2011/CONEP/CNS).
- 3-No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/2012
4. Ao pesquisador cabe desenvolver o projeto conforme delineado, elaborar e apresentar os relatórios parciais e final, bem como encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto (resolução 466/2012).
5. Em estudos retrospectivos, caso o pesquisador encontre dados que possam modificar o prognóstico ou tratamento dos sujeitos de pesquisa, recomenda-se que tais informações sejam transmitidas aos participantes e/ou anexadas ao prontuário para conhecimento da equipe clínica.

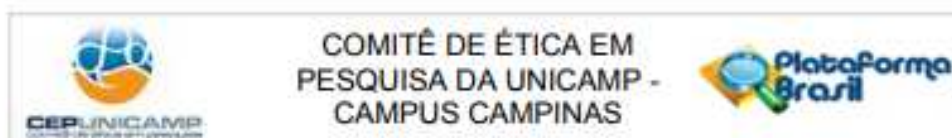
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências (todas as pendências anteriores foram atendidas).

Considerações Finais a critério do CEP:

- O sujeito de pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.
- Se o TCLE tiver mais de uma página, o sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas desse documento, apondo suas assinaturas na última página do referido termo (Carta Circular nº 003/2011/CONEP/CNS).
- Cabe ao pesquisador desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado, elaborar e apresentar os relatórios parciais e final, bem como encaminhar os resultados para publicação com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto (Resolução 466/2012 CNS/MS). Os relatórios deverão ser enviados através da Plataforma

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126			
Bairro: Barão Geraldo		CEP: 13.083-887	
UF: SP	Município: CAMPINAS		
Telefone: (19)3521-8938	Fax: (19)3521-7157	E-mail: cep@fcm.unicamp.br	



Continuação do Parecer: 1.850.337

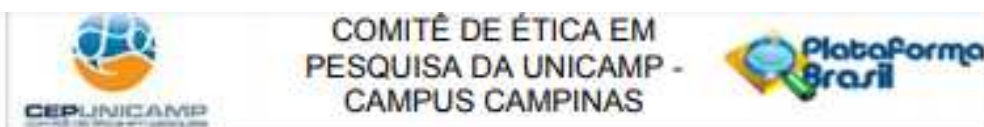
Brasil- Icone Notificação.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo deverão ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada (com destaque) e suas justificativas. As modificações deverão ter parecer de aprovação deste CEP antes de serem implementadas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_734713.pdf	23/11/2016 12:02:49		Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartaCEP23nov2016.pdf	23/11/2016 12:02:08	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE23nov2016ASSENTIMENTO.pdf	23/11/2016 12:01:30	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE23nov2016PAIS.pdf	23/11/2016 12:00:52	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE23nov2016PRFSAUDE.pdf	23/11/2016 12:00:39	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE23nov2016PROFESSOR.pdf	23/11/2016 12:00:21	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE23nov2016ADULTOS.pdf	23/11/2016 11:59:49	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartaCEPnov2016.pdf	11/11/2016 15:29:05	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
Outros	Narrativasinterativasout2016.pdf	17/10/2016 11:43:46	Lilia Freire Rodrigues de Souza Li	Aceito
Outros	PERGUNTASGRUPOFOCALOUT2016.pdf	17/10/2016 11:43:19	Lilia Freire Rodrigues de Souza	Aceito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.850.337

Outros	PERGUNTASGRUPOFOCALOUT2018.pdf	17/10/2016 11:43:19	LI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizaPesquisaCETS.pdf	17/10/2016 11:41:40	Lilia Freire Rodrigues de Souza LI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	cartaEscolaePresidenteComun.pdf	17/10/2016 11:40:56	Lilia Freire Rodrigues de Souza LI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjIntercomunitim.pdf	17/10/2016 11:34:49	Lilia Freire Rodrigues de Souza LI	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoatual.pdf	17/10/2016 11:32:20	Lilia Freire Rodrigues de Souza LI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 05 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: csp@fcm.unicamp.br

Anexo 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO PARA PROFESSORES**

Projeto “Vamos cuidar de nossos adolescentes” realizado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Profa. Dra. Lilia Freire Rodrigues de Souza Li, pelas orientandas Gabriela Nogueira Pavan, Elizete Prescinotti Andrade, Tháyla Kayty Cardoso Tavares Amaral, Marielle Cristina Carvalho, Renata Elisa Faustino de Almeida Marques, Emanuele Ferreira, Caroline Tomazela.

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar.

Justificativa e objetivos:

O estudo se destina a avaliar a opinião de vários segmentos da comunidade sobre o que os adolescentes mais precisam, desenvolver um programa de intervenção comunitária para prevenção de violência, uso de substâncias psicoativas na adolescência, aumento de fatores protetores e capacitar professores e profissionais da saúde para melhor abordar este tema. Esse é um estudo importante para se criar e avaliar estratégias de intervenção e prevenção nas escolas, unidades de saúde e na comunidade. Esperamos entender quais as dificuldades na escola atualmente e quais as melhores abordagens de prevenção a situações de vulnerabilidade, violência e uso de drogas na adolescência.

Procedimentos:

Etapa 1 (1) Você está sendo convidado a participar de encontros para refletir sobre as demandas escolares e, em um segundo momento, será convidado a completar, por escrito, uma história fictícia previamente elaborada pela pesquisadora, sobre o tema a ser investigado. Após o término da história, terá início um grupo de reflexão sobre as expectativas, dificuldades e planos de ação que visem ajudar os adolescentes frequentadores da escola onde a pesquisa está sendo realizada. O encontro terá duração de aproximadamente 90 (noventa) minutos. Além disso, você também será convidado a participar de entrevistas motivacionais, que objetivam capacitá-los para lidar com os adolescentes no ambiente escolar.

Todos os grupos serão gravados para posterior transcrição e análise das narrativas. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador (a) responsável pela pesquisa por um período de até 5 anos, e após esse período, serão destruídos.

Desconfortos e riscos:

A participação no estudo não trará nenhum risco previsível a sua saúde física ou mental. Caso se sinta constrangido em responder alguma pergunta pode se negar a respondê-la.

A pesquisa não trará benefício diretamente a você, entretanto, mostrará um mapeamento da saúde básica permitindo que a intervenção seja mais direcionada e a prevenção mais efetiva e poderá ajudar outras pessoas no futuro.

Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A sua participação é voluntária. A qualquer momento, poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso traga qualquer penalidade, prejuízo para você, ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador (a).

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão publicados em revistas e jornais importantes da comunidade científica.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa. Você poderá ser convidado a participar de entrevista individual ou grupo focal com duração de 2 horas ou menos e que será gravada. Para prevenir violação de sua privacidade e dos outros no grupo, você será orientado a não falar sobre nenhuma experiência pessoal ou dos outros que possa considerar muito pessoal ou reveladora. Você deve respeitar a privacidade dos outros membros do grupo não revelando qualquer informação pessoal que eles contarem durante a discussão.

Ressarcimento:

O estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa, nem receberá qualquer vantagem financeira

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com Gabriela Nogueira Pavan

(Gabriela.pavan@gmail.com), Elizete Prescinotti Andrade

(elizete.prescinotti@uol.com.br), **Tháyla**

Kayty Cardoso Tavares Amaral (thaylla@uol.com.br), Marielle Cristina Carvalho

(marielle.carvalho@hotmail.com), Renata Elias Almeida Marques

(marques.renata01@gmail.com) e Lilia Freire Rodrigues de Souza Li

(ldesouza@globo.com), Faculdade de Ciências Médicas UNICAMP, Telefone para contato: (019) 99669-9094, (019) 99345-7447, (019) 99216-1807.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, eu,

_____, portador do
RG _____

aceito participar desse estudo:

Nome _____ do(a)
participante: _____

Assinatura do participante: _____ Data:
____/____/____

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____

Anexo 3

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA ESCOLA ONDE SERÁ REALIZADA A PESQUISA

A escola da qual você é coordenadora pedagógica está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “**VAMOS CUIDAR DE NOSSOS ADOLESCENTES**”, realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Profa. Dra. Lília Freire Rodrigues de Souza Li, pelas orientandas no Projeto, Thayla Kayty Cardoso Tavares Amaral, Emanuele Ferreira, Marielle Cristina Carvalho, Gabriela Nogueira Pavan, Elizete Prescinoti Andrade, Renata Faustino de Almeida Marques.

O presente estudo tem como **objetivo geral** avaliar a opinião de vários segmentos da comunidade sobre o que os adolescentes mais precisam e desenvolver um programa de intervenção comunitária para **prevenção de comportamentos de risco na adolescência**. O objetivo específico na escola é implantar e fortalecer projetos de proteção à crianças e adolescentes com escolas mais inclusivas, saudáveis e engajadas com a participação dos professores e alunos num trabalho de integração e apoio à comunidade. Esperamos entender quais as dificuldades na escola e na comunidade atualmente e quais as melhores abordagens de prevenção de risco na adolescência. Este trabalho justifica-se pelos riscos e vulnerabilidade que crianças e adolescentes estão expostos e que estão associados a sofrimento e consequências que persistem na vida adulta. Intervenções na escola que auxiliem os adolescentes em suas dificuldades diárias podem resultar em melhor qualidade de vida e redução de problemas de comportamento de risco e imprudência nesta faixa etária.

Para isso, **professores, pais e alunos serão convidados a completar, por escrito, uma história fictícia previamente elaborada pela pesquisadora e que versa sobre a temática a ser estudada. O encontro terá a duração aproximada de noventa minutos. Além disso, também participarão de grupos de oficina psicoterapêutica e de grupos motivacionais. Esta pesquisa não acarretará nenhum custo à escola participante e não haverá nenhuma espécie de reembolso em dinheiro.**

Os professores, pais e alunos que aceitarem participar da pesquisa terão SUA IDENTIFICAÇÃO E DADOS CONFIDENCIAIS, OU QUE DE ALGUM MODO POSSAM PROVOCAR-LHE CONSTRANGIMENTO, MANTIDOS EM **ABSOLUTO SIGILO**. Os participantes podem se desligar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso lhes acarrete qualquer penalidade ou prejuízo em seus tratamentos, nem represálias de qualquer natureza. Os que não aceitarem participar, não devem passar por qualquer represália nem por parte dos pesquisadores nem por parte da escola. Uma cópia desse documento permanecerá com você e outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida sobre o estudo, você poderá entrar em contato com Thayla Amaral, thaylla@uol.com.br; e Lília de Souza Li, ldesouza@fcm.unicamp.br, tel 19-992-161807.

Em caso de reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, CEP 13083-970 Campinas, SP, CEP@fcm.unicamp.br, tel 19-3521-8936

EU, _____, PORTADOR (A) DO RG _____,
_____, COMO

_____ DA ESCOLA

____ DECLARO, APÓS TER LIDO E COMPREENDIDO OS TERMOS DESSE CONTRATO, QUE ACEITO QUE A ESCOLA EM QUESTÃO PARTICIPE VOLUNTARIAMENTE DESSA PESQUISA.

assinatura: _____

Data: ____/____/____.